

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DCSO – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

BHEATRIZ CAMARGO D'OLIVEIRA

HISTÓRIAS SOBRE TRILHOS

Série de reportagens sobre a Vila de Paranapiacaba

Bauru
2017

BHEATRIZ CAMARGO D'OLIVEIRA

HISTÓRIAS SOBRE TRILHOS

Série de reportagens sobre a Vila de Paranapiacaba

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier.

A todas as pessoas que acreditam na importância
da Vila de Paranapiacaba para a humanidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem Ele eu não estaria aqui. Agradeço meus pais, por me ajudarem nessa caminhada e por aguentarem a saudade durante esses quatros anos. Obrigada por nunca me deixarem desistir. Agradeço ao Vitor, meu namorado, pela paciência e por sempre acreditar em mim. Agradeço às minhas amigas bauruenses, que tornaram essa jornada mais leve. Aos moradores e profissionais da Vila de Paranapiacaba e da cidade de Santo André, obrigada por acreditarem no meu trabalho. Agradeço ao orientador do projeto, Prof. Dr. Juarez Xavier, por todo o apoio e por ser um grande exemplo na nossa profissão.

*"Aqui a vila é mágica
A vila aparece
E desaparece
Tem horas que você vê o morro
Tem dias que você não vê nada
Parece o grande caldeirão
Que você põe pra esquentar
E a fumaça vem para a vila apagar
Tem bruxa no pedaço
Com sua vara de condão
E põe fogo no chão
A fumaça aparece
E a vila desaparece
Como passe de mágica
O morro a sumir
E a fumaça a perseguir
O dia não passa
Nem as horas
Só fica a fumaça
Na cidade mágica"
(Francisca Araújo)*

O site produzido para o Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessado no seguinte link:
<http://bit.ly/2vJdrg0>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Objeto	7
1.2 Justificativa	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A produção jornalística especializada	12
2.2 Gêneros jornalísticos	12
2.3 Jornalismo especializado em cultura	13
3 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO	15
3.1 A pré-produção	16
3.2 Produção dos textos	17
3.3 Redação dos textos	18
3.4 Características gerais	19
4 RESULTADOS PRINCIPAIS	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICES	25

1 INTRODUÇÃO

Em 2002, Cremilda Medina, jornalista e professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, decidiu que a Vila de Paranapiacaba seria o assunto da 25ª edição do seu projeto São Paulo de Perfil, em conjunto com alguns de seus alunos. Com o título “Caminho do Café - Paranapiacaba: museu esquecido” o livro foi publicado em 2003, onde contava histórias sobre a vila, seus moradores e as perspectivas para o futuro.

A partir dessa leitura, uma inspiração e uma indagação surgiram na autora deste projeto experimental. Passados 15 anos desde a publicação do livro, poucos trabalhos são feitos a respeito de Paranapiacaba. Os que existem dentro do período são sobre a arquitetura da vila. As questões públicas, os anseios dos moradores, as dificuldades que o turismo enfrenta naquele local são deixadas - quase sempre - de lado. A proposta é suprir a falta de cobertura por parte da grande mídia, tentando produzir reportagens que possam esclarecer o que realmente se passa naquela região após 15 anos da compra pela prefeitura de Santo André.

As estratégias investigativas usadas são as entrevistas realizadas pessoalmente, com pessoas que têm ou tiveram uma ligação - afetiva ou profissional - com a Vila, como método jornalístico principal, onde procurou-se captar a história que não está nos livros. Como estratégias investigativas utilizou-se também a observação do cotidiano do local e a leitura de textos e documentos que foram publicados ao longo dos anos, alguns encontrados na internet e outros disponibilizados no Museu de Santo André.

1.1 Objeto

Situada no Alto da Serra do Mar, a Vila de Paranapiacaba é um distrito do município de Santo André, comprada em 2002. Desde então, a Administração tem investido no desenvolvimento sustentável do local, com o objetivo de transformar a vila em um destino turístico que oferece opções diversificadas de cultura, conhecimento e lazer.

Inaugurada em 1874, era inicialmente um acampamento de ferroviários que trabalhavam na linha inglesa São Paulo Railway. Também nesta época foi fundada, em torno do local, a futura cidade de Santo André. Enquanto isso, a ocupação no interior do estado se consolidava, devido à estrada de ferro.

Em 1946, terminou a concessão da São Paulo Railway e todo seu patrimônio foi incorporado ao da União. Após diversas denúncias dos moradores sobre a deterioração da Vila, em 1987, o núcleo urbano, os equipamentos ferroviários e a área natural de Paranapiacaba foram tombados pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Entender uma cidade exige seguir um fio histórico, unindo pilares identitários do passado, singularidades do presente e vocações futuras. Requer, também, revelar as intrincadas e multifacetadas relações entre formas de perceber a cidade, ler suas fragilidades. (REIS, 2009, p.1)

A nova administração se viu diante da obrigação de elaborar um novo plano de desenvolvimento socioeconômico para a Vila. Para Marco Moretto Neto (2005, p.51), estava claro que esse plano deveria ter como objetivo o desenvolvimento local, com a participação dos moradores e a sustentabilidade. “(...) a Administração Municipal estabeleceu um plano para a transformação da Vila em um destino turístico com inclusão social” (NETO, 2005, p. 53).

Foi então criado o Plano Patrimônio, um documento prévio necessário para o posicionamento da cidade no cenário turístico nacional. Segundo a Prefeitura Municipal de Santo André (2001), citado por Neto (2005, p. 53), o Plano Patrimônio de Paranapiacaba formula a estratégia de futuro, a partir da análise dos recursos existentes e propõe estratégia a curto, médio e longo prazo e as ações, considerando a importância do Patrimônio Ferroviário, Arquitetônico Ambiental, Cultural e Social representados na Vila de Paranapiacaba. “O Plano Patrimônio serviu para diagnosticar os principais problemas e potenciais de Paranapiacaba” (FUGITA, 2009, p.16).

Com a necessidade de aumentar a oferta de produtos turísticos, a Administração passou a conscientizar a população sobre o turismo cultural em uma área de proteção ambiental. Foram realizadas ações de qualificação profissional para os moradores e incentivos ao empreendedorismo. O Festival de Inverno, o primeiro criado, veio para mostrar como essas novas ações poderiam contribuir para o crescimento e, hoje já está em sua 17ª edição.

Ao passar do tempo, outros eventos foram surgindo na Vila, que hoje conta com diferentes festivais ao longo do ano, como o Festival do Cambuci (fruto típico da região) e o Festival das Bruxas. A população e Prefeitura de Santo André começaram a perceber que o perfil dos turistas tinha mudado e que, essas

atividades, podem realmente trazer crescimento econômico e social para a vila. Os moradores, não são mais ferroviários, mas desenvolvem o papel de empreendedores.

Paranapiacaba é um lugar singular e que traz a memória de uma época extremamente importante para a história do Brasil. A Vila de Paranapiacaba tenta, até hoje, se livrar dos anos de abandono e se tornar uma potência turística dentro do estado de São Paulo. Muitos são os obstáculos a serem percorridos para que o turismo ali, chegue ao ideal. A apropriação do lugar por parte da população e as políticas feitas pelos órgãos públicos que atuam ali, mediados pela Prefeitura de Santo André, são os primeiros pontos.

A vila ainda carece de conexões. Conexões com o resto do mundo, conexões entre o público e privado, assim como Reis (2009) afirma que falta para toda cidade que se possa estudar como uma cidade criativa.

(...) a Economia Criativa pode colaborar para o desenvolvimento de uma comunidade receptiva de um turismo cultural. Através de ações que possam incentivar o desenvolvimento sustentável, e de iniciativas da própria população local, é possível criar uma relação sócio econômica vantajosa tanto para a comunidade que está recebendo, para os turistas, e também para a própria prefeitura do local. (FUGITA, 2009, p. 22)

Por isso, o principal objetivo deste projeto experimental é uma produção especializada de reportagens sobre a vila de Paranapiacaba, com foco nas entrevistas realizadas, já que existe pouco material jornalístico sobre o assunto, entende-se que as maiores fontes para o jornalismo são as pessoas que estão envolvidas com esse patrimônio. Como objetivos específicos, propõe-se:

- Desenvolver habilitada técnica na produção jornalística especializada em cultura;
- Compreender como pesquisar e avaliar a credibilidade das informações disponibilizadas;
- Saber como criar uma relação de confiança com as fontes entrevistadas;
- Saber como fazer os melhores recortes das entrevistas realizadas;
- Investigar o histórico da Vila de Paranapiacaba;
- Compreender porque o turismo é a melhor opção para o futuro deste local;
- Compreender a importância de Paranapiacaba não só para a cidade de Santo André, mas para todo o Brasil;

- Informar a sociedade sobre o processo de transformação cultural, ligado ao turismo, que Paranapiacaba vive atualmente

Mesmo que o foco deste projeto esteja nas formas de produção jornalística e não especificamente no modelo de veiculação e divulgação, vale ressaltar que as reportagens foram feitas para o meio online e colocadas em um *microsite*, numa tentativa de atingir maior visibilidade para a questão do passado, presente e futuro da Vila de Paranapiacaba.

1.2 Justificativa

Apesar do livro organizado por Cremilda Medina sobre a Vila de Paranapiacaba ser de extrema importância, é válido afirmar que pouco entra na pauta dos grandes veículos de comunicação a memória deste local, candidato a patrimônio da humanidade pela UNESCO. Ainda raramente se discute na esfera pública o abandono sofrido pela vila e as dificuldades enfrentadas desde o fim da concessão da ferrovia. O jornalismo, como responsável pelo resgate da memória coletiva e agente fomentador de possibilidades de transformação social, tem como papel cidadão difundir e dar visibilidade a esses assuntos de interesse público, em defesa do patrimônio local.

O ABC dos santos (André, Bernardo, Caetano), mais o D (Diadema), cresceram graças aos trilhos dos trens pioneiros que exportaram café e deixaram as máquinas históricas que venceram a Serra do Mar, ali inertes, em Paranapiacaba. (MEDINA, 2003, p.11)

Além disso, Paranapiacaba geralmente ganha destaque na grande mídia durante o mês de julho, onde acontece o famoso Festival de Inverno. Este é apenas um mês durante todo o ano, ficando esquecida durante os outros 11 meses. Ao ser veiculada na mídia durante esse período, o jornalismo produzido é superficial, apenas para divulgação do evento com o intuito de atrair turistas para um particular momento. Não se preza pela credibilidade das fontes, pela busca da memória ferroviária do local e nem da oportunidade de noticiar as políticas públicas implantadas no cotidiano daquele local. Além disso, só se busca noticiar o que Paranapiacaba foi um dia e não o que é hoje. O presente trabalho, assim, também se justifica neste âmbito, numa tentativa de não se sujeitar a tais tipos de manipulação, cobrindo o tema em profundidade, em forma de reportagens especializadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A produção jornalística especializada

Com as mudanças que o jornalismo vive nos dias de hoje, é cada vez mais comum que as empresas de comunicação produzam conteúdo específicos para cada grupo. Para Tavares (2009), a especialização no jornalismo está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos. A sociedade possui um acesso à informação cada vez maior e, com a quantidade de notícias indo e vindo, certos públicos se sentem na necessidade de se identificar com certos segmentos. Com essa necessidade, a especialização torna-se, também uma forma de atrair o público.

(...) menos uma questão de conteúdos ou de audiências, a especialização deve ser pensada também como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos). (TAVARES, 2009, p.118)

De acordo com Tavares (2009), o jornalismo especializado se manifesta na associação a veículos de comunicação específicos, a determinadas temáticas ou pode se associar simultaneamente a esses dois âmbitos. A especialização passa a ser importante não só para o receptor, mas também para o jornalista, que cria uma linguagem específica com o seu público.

Para se especializar, o jornalista não precisa se tornar especialista, tal porque seu papel não é esse, mas sim agir como o agente do público. Para isso, é necessário um meio termo entre o conhecimento científico e o senso comum.

2.2 Gêneros jornalísticos

Para Marques de Melo (2010, p. 45), a reportagem em profundidade se enquadra no gênero informativo; o texto autoral se enquadra no gênero opinativo e os perfis se enquadram no gênero interpretativo. Para a produção das reportagens que compõem esse projeto experimental, foram usados os gêneros opinativos e informativos nos formatos de grandes reportagens. A grande reportagem permite um maior desenvolvimento do contexto e o aprofundamento dos fatos, principalmente em reportagens especializadas, o que muitas vezes não é possível quando se tem um espaço limitado. Dado o tema em questão ser de extrema importância para a

sociedade, não bastava apenas informar, era necessário a opinião como forma de debate.

Para captar informações ao escrever uma grande reportagem, os métodos mais eficientes, segundo Lima (2010), citado por Cristiane Prizibiszki (2007, p. 6), são a entrevista, as histórias de vida, a observação participante, a memória, a documentação, os fluxos de inconscientes e os monólogos interiores. Todos esses sete elementos ajudaram a autora a escrever suas reportagens, sendo destaque as entrevistas, as histórias de vida, a observação participante, a memória e a documentação.

2.3 Jornalismo especializado em cultura

Falar de cultura é um tema amplo no jornalismo. Além das características culturais, o interesse social também existe neste segmento. No dicionário, encontram-se quatro significados da palavra “cultura” que possuem características deste projeto experimental.

1. Cabelo de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social.
2. Conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social.
3. Forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização
4. Complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins.

Paranapiacaba, objeto de estudo em questão, envolve ciências humanas, instituições, grupos sociais, histórias, conhecimentos e difusão das artes. Além disso, a Vila hoje conta com o turismo, atividade que integra cultura, lazer, histórias, memória, economia e, gera desenvolvimento cultural e socioeconômico para o local.

Com as leituras e pesquisas realizadas durante este trabalho, foi possível constatar que o jornalismo especializado em cultura é um dos que mais atende à demanda, porém isso acontece muito mais nas cidades grandes, como São Paulo. Nas cidades menores do interior ou da região metropolitana, a exemplo de Paranapiacaba, as reportagens são superficiais, funcionando mais como notícias informativas do que instrumentos de interação social. Esses pequenos lugares, que não deixam de ser importantes para a produção cultural do estado, acabam sendo

esquecidos pelos grandes veículos. Quando grandes reportagens são realizadas sobre esses lugares, são através do jornalismo independente.

O jornalismo cultural é caracterizado por uma linguagem mais informal, já que interessa diversos grupos sociais e, com o uso desse tipo de linguagem, pode-se aproximar mais do público. Neste projeto experimental, se fez necessário não só uma linguagem informal para poder dialogar com o público-alvo, mas também o conhecimento histórico e cultural do objeto de estudo, através de pesquisas, documentos e relatórios. Isso afirma o que foi dito no tópico acima, onde a produção especializada necessita de um saber científico acompanhado do senso comum.

3 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

A ideia inicial para o meu projeto experimental sempre foi fazer um trabalho que tivesse uma relevância social e cultural¹. Sempre me interessei pelos temas culturais dentro da faculdade, produzindo um suplemento sobre a produção cultural na cidade de Bauru que levou o nome de “ExpressARTE”. As aulas de história, no segundo e terceiro anos da faculdade, contribuíram para uma melhor compreensão da importância da memória para a sociedade. Optei pela Vila de Paranapiacaba, pois: 1. Visito a Vila há uns 8 anos, pois tenho residência em Santo André e, sempre tive um instinto jornalístico de investigar quais as medidas da prefeitura em relação àquele local; 2. Sempre que eu visitava Paranapiacaba, eu tentava entender o porquê de eu, no papel de turista, não conseguir enxergar mudanças e evoluções ali; 3. Depois que tive o prazer de ler o livro organizado pela Cremilda Medina, percebi que as questões que eu tentava entender já eram discutidas desde 2002, então eu fiquei intrigada em saber como estava a situação da vila depois de 15 anos do livro “Caminho do Café” que coincidiu com a compra de Paranapiacaba pela prefeitura de Santo André.

Investigando a Vila de Paranapiacaba, comecei a notar a falta de material jornalístico sobre esse patrimônio. Não só pela falta de progresso ou de informações, mas por sentir que ainda se tem muito a contar da condição histórica deste lugar e, principalmente, da situação atual de um local que busca no turismo uma forma de se reinventar, tendo ainda um longo caminho para percorrer. Como eu iria fazer o trabalho de conclusão individualmente e, por ter preferência pela produção jornalística escrita, estabeleci que faria uma série de grandes reportagens especializadas, para poder tratar do tema em profundidade.

Pela relevância social e cultural do tema, que envolve não só a questão da Vila de Paranapiacaba, mas de uma série de questões de políticas públicas e órgãos públicos, decidi fazer uma série de reportagens para o meio online, já que eu poderia fazer uma divulgação maior do que, por exemplo, se fizesse para algum meio impresso. Futuramente, ainda penso em tentar publicar as reportagens em um veículo de jornalismo da web, com a ajuda de amigos que fiz ao longo deste trabalho.

¹ A autora aqui toma a liberdade de escrever essa categoria do trabalho em primeira pessoa.

3.1 A pré-produção

Na primeira reunião com o orientador do trabalho, o Prof. Dr. Juarez Xavier, apresentei meu tema sobre Paranapiacaba e logo ele me apresentou o conceito de economia criativa, que eu conhecia superficialmente. Me indicou a tese de Ana Carla Fonseca Reis, administradora e economista, que pesquisa urbanismo e cultura e, foi uma das pioneiras no Brasil a trabalhar com esse tema. Comecei a ler sobre esse conceito e me aprofundar nele, sempre tentando entender onde Paranapiacaba entraria nisso. A economia criativa não é uma forma sustentável de economia, mas sim uma economia baseada em soluções criativas, podendo ser a arquitetura e o turismo formas dessas soluções criativas. Quando entendi isso, percebi que a economia criativa, baseada no turismo, tinha tudo a ver com o futuro que a Vila de Paranapiacaba busca.

Quando pensei em trabalhar com Paranapiacaba, logo percebi que a maneira mais clara de chegar ao objetivo que eu tinha era entrevistando as pessoas que fazem parte e/ou tem uma relação com aquele local. A Vila é um local delicado e singular, onde eu precisava estabelecer uma relação muito próxima para entender a vida que existe ali. O professor me apoiou nesse aspecto, pois eu teria um tempo maior para a captação das entrevistas, que foram realizadas de dezembro de 2016 a maio de 2017. Comecei, então, a pensar pequenas pautas que poderiam ser produzidas. Eram os seguintes tópicos:

1. A economia criativa baseada no turismo em Paranapiacaba: já existe ou é um futuro?;
2. Os modelos de turismo que a Prefeitura de Santo André implantou na vila desde 2002 até os dias de hoje;
3. A questão do trem de passageiros, que só existe através do expresso turístico aos domingos;
4. A questão da importância do patrimônio para a humanidade;
5. As dificuldades enfrentadas em transformar a identidade cultural de uma vila ferroviária para uma vila turística;
6. A questão dos moradores, sendo que hoje menos de 10% da população são de famílias de ex ferroviários;
7. A estrutura dos comércios existentes no local;
8. Os órgãos públicos e privados envolvidos com a Vila de Paranapiacaba.

A partir dessa lista de pautas, e das entrevistas que foram sendo realizadas, foi possível perceber que cada um desses tópicos tinha ligação com no mínimo outros dois. O turismo em Paranapiacaba está totalmente ligado às causas sociais, culturais e econômicas. Foi então que eu incorporei as proposições e cheguei a três pautas finais, que conseguiriam articular uma discussão ampla sobre o turismo como futuro da Vila de Paranapiacaba.

3.2 Produção das reportagens

Com as pautas estendidas finalizadas, começa a apuração das reportagens. Primeiramente, além de ler o livro organizado por Cremilda Medina, li o livro “A história de Paranapiacaba”, de Vicente Lamarca e o capítulo “O Patrimônio Humano”, esse especialmente escrito pelo historiador e morador de Paranapiacaba, Eduardo Pin, para o livro “Paranapiacaba: Um patrimônio para a humanidade”. Levantei documentos e pesquisas feitas por pesquisadores, historiadores e pela Prefeitura de Santo André sobre a Vila de Paranapiacaba, alguns disponíveis no meio *online* outros disponíveis no Museu de Santo André. Vale ressaltar que os dados e a história sobre a Vila no passado são acessíveis, o que realmente falta é a história dos dias de hoje.

Antes de começar o agendamento das entrevistas, visitei a Vila em dois momentos: um durante a semana e outro, no final de semana. Depois, com o auxílio do computador e do meio digital comecei o agendamento e percebi que falar sobre Paranapiacaba era um prazer para algumas pessoas e, um assunto delicado para outras. Mesmo assim, minha primeira entrevistada foi a funcionária da biblioteca de Paranapiacaba, Juliana Flaminio, que foi quem me deu um panorama geral do momento que a Vila vivia, em dezembro de 2016. Ao todo foram realizadas oito entrevistas formais, todas pessoalmente. As entrevistas foram gravadas, o que resultou em aproximadamente 6h e 30min de áudio. As entrevistas estão transcritas na íntegra no final deste documento totalizando, aproximadamente, 120 mil caracteres. Também foram realizadas tentativas de entrevistar outras três fontes, duas sem obter resposta e outra que não consegui realizar pela incompatibilidade de horários.

Dessas três fontes que não foi possível entrevistar, uma delas foi Eduardo Pin, historiador e morador de Paranapiacaba citado acima. Não conseguimos nos

reunir, pois devido à profissão de Eduardo, ele viaja muito e nossos horários não batiam. Mesmo assim, ele se interessou pelo meu trabalho e me mandou este capítulo que escreveu, que conta com alguns depoimentos de moradores da Vila nos anos de 2013 e 2014. Eduardo me deu total liberdade para utilizar esses depoimentos como parte da minha pesquisa e investigação.

Depois do agendamento das entrevistas, procurei visitar Paranapiacaba durante os meses de fevereiro a junho de 2017, pelo menos duas vezes em cada mês, pois julguei importante a observação do cotidiano do local. Procurei visitar os lugares que são importantes para o turismo da Vila, como o Bar da Zilda, o café Infinito Olhar, a Hospedaria dos Memorialistas, o restaurante Estação Cavern Club, a Casa Fox, a Biblioteca de Paranapiacaba, o Museu Castelinho, a igreja do Bom Jesus, o Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba, o Clube União Lira Serrano, o museu ferroviário e, a própria ferrovia.

Além disso, fui ao Festival de Inverno de 2016, ao Festival do Cambuci de 2017 e, de diversas Feiras de Artes e Antiguidades, que acontecem na Vila uma vez por mês.

Durante esse período, também visitei duas vezes o Museu de Santo André, afinal a história da vila de Paranapiacaba está dentro da história da cidade de Santo André. Na primeira vez, visitei apenas para observar todos os objetos, arquivos e fotos que ficam disponibilizados à quem visita o museu. Na segunda vez, uma visita mais profunda para tentar ter acesso à alguns documentos históricos. Infelizmente, a seção é bem restrita e tive acesso a poucas coisas.

3.3 Redação dos textos

A escrita das reportagens começou em abril de 2016. Faltavam ainda três entrevistas, mas eu já tinha um material muito rico para começar a escrever. Escrevi uma lista de tópicos do que conteria cada texto, sistematizando assim a minha produção. Decidi começar por uma das matérias secundárias, que seria sobre o projeto e Café Infinito Olhar, pois desde o primeiro contato, notei que aquele lugar fazia a diferença em Paranapiacaba e, tinha tudo a ver com o este projeto experimental. Pelo fato das reportagens terem muitas interligações e das entrevistas com os especialistas abordarem questões que entrariam tanto na principal quanto nas secundárias, decidi fazer uma produção simultânea da reportagem principal e da outra secundária.

Além das entrevistas, tive que ler novamente os livros que eu tinha selecionado, as pesquisas e os documentos, para não ocorrer erros nos dados expostos nas reportagens.

Assisti também, através do *Youtube*, o documentário produzido pela TV SESC em 1999 e lançado em 2003, intitulado “PARANAPIACABA - A Inglaterra perdida nos trópicos”, onde foram expostos os planos e os anseios para a Vila até o ano de 2010. Esse material, junto com o livro organizado pela Cremilda Medina, me ajudou a compreender melhor que os problemas do passado ainda existem e que o futuro esperado, ainda não chegou.

3.4 Características gerais

Ao fim, foram produzidas as três reportagens, totalizando aproximadamente 35 mil caracteres. Para fugir da narração da história de Paranapiacaba, que é o material que encontramos na maioria das vezes, escolhi produzir textos no estilo opinativo. Como público alvo, são pessoas que se interessem pelo patrimônio de Paranapiacaba, historiadores, moradores da Vila e da cidade de Santo André, gestores da área de cultura da prefeitura de Santo André e, os órgãos públicos envolvidos com a gestão do patrimônio. Os recursos utilizados – celular, câmera digital semiprofissional e o computador – são todos próprios. Os custos totalizaram R\$ 250, devido ao trajeto percorrido de carro, Santo André-Paranapiacaba nas diversas vezes que estive lá, o trajeto percorrido de carro, para ir até o local das entrevistas realizadas e, o trajeto percorrido de ônibus nas duas visitas ao Museu de Santo André. Por fim, o meio utilizado para a publicação do *microsite* foi a plataforma multimídia *Readymag.com*, *microsite* que vai receber atualizações até o dia da apresentação do projeto experimental, para que esteja em sua melhor configuração.

4 RESULTADOS PRINCIPAIS

Com a globalização, o modo de fazer jornalismo mudou. As tecnologias ajudam a mediar o processo de produção jornalística, como a produção de pautas, as entrevistas, a organização de dados e, principalmente, a divulgação. Os avanços tecnológicos hoje facilitam a realização de grandes reportagens com o auxílio do computador, porém em certos casos, não se pode excluir por completo o trabalho de campo.

Na produção jornalística deste trabalho foi preciso ter um contato direto com as fontes, com suas histórias e, conhecer mais de perto o patrimônio estudado e, este é o principal resultado aqui apresentado. Foi necessário esse contato, pois o assunto Paranapiacaba é delicado para os que estão envolvidos com este local. Era preciso criar certo relacionamento com cada entrevistado e, além disso, passar uma certeza de que o trabalho em questão realmente seria interessante para a sociedade. Não seria possível criar esse relacionamento apenas através do computador.

O patrimônio de Paranapiacaba é um tema pouco discutido na mídia tradicional. São poucos os trabalhos, pesquisas e reportagens que envolvem o local, por isso a melhor maneira que a autora encontrou de conhecer e entender os aspectos que compõem esse patrimônio foi através das entrevistas que retratam diferentes perspectivas, já que os trabalhos encontrados no meio *online* não seriam suficientes para a produção.

Por ser uma produção jornalística sobre um patrimônio histórico e cultural, se fez necessário o contato com acervos de documentos e fotografias, disponibilizados no Museu de Santo André e, nos acervos pessoais de alguns dos entrevistados. Também foi importante para a produção jornalística a presença em eventos culturais realizados na Vila, o conhecimento dos pontos turísticos e dos estabelecimentos que movem a cultura e economia do local. Todas essas atividades foram de extrema importância para compor as reportagens apresentadas neste projeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Enfim, tentativas existem; só as atividades conjuntas dispostas ao longo do tempo vão confirmar, ou não, que do lugar donde se vê o mar podem-se ver soluções inteligentes, quando bem planejadas e democraticamente discutidas ”.

No jornalismo, muitos objetos importantes para a sociedade não são tratados da maneira que deviam, tornando-se apenas objetos de divulgação e conquista de audiência. Cremilda Medina, um exemplo de jornalista que ainda cumpre seu papel na sociedade, pensou em Paranapiacaba como um lugar que precisava ser noticiado, onde precisava ser realizado um debate público, não apenas com os agentes da Prefeitura de Santo André, mas com todos os que pudessem estar interessados nesse patrimônio, ou seja, um debate com a sociedade.

Pensando a graduação jornalística, a realização da série de reportagens “Histórias sobre trilhos” faz com que seja questionado a falta de informação, conhecimento e debate público sobre assuntos como os patrimônios históricos. A falta de notícias e de grandes reportagens nas mídias tradicionais sobre esses patrimônios, especialmente sobre Paranapiacaba, tornaram este trabalho um desafio e um dever para com as pessoas que compõem estes espaços.

Por fim, a experiência de produção deste projeto foi positiva, já que possibilitou o contato com duas técnicas aprendidas durante a graduação, mas que foram colocadas pouco em práticas: a especialização e o trabalho de campo jornalístico. Ir atrás de fontes, realizar entrevistas pessoalmente, analisar documentos e fotografias históricas, lidar com agentes do poder público, reforçaram a importância dessas atividades para a autora. Quanto ao tema proposto, a autora tem perspectiva de trabalhar com cultura nas suas mais variadas formas e, fica claro a sua relevância social e o quanto está interligada a outras temáticas, como por exemplo a história e a memória.

REFERÊNCIAS

MEDINA, Cremilda (coordenadora e organizadora). **Caminho do Café - Paranapiacaba: museu esquecido**. São Paulo: ECA/USP, 2003. (São Paulo de Perfil ; 25)

LAMARCA, Vicente. **A História de Paranapiacaba**. São Paulo: Editora Aamn, 2008.

PIN, Eduardo. O Patrimônio Humano. In: FIGUEIREDO, V. B.; RODRIGUES, R. (organizadores). **Paranapiacaba: um patrimônio para a humanidade**. Santo André, Prefeitura de Santo André, 2014. p.225-248.

UNESCO. **Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SAES, F. A. M. de. **As ferrovias de São Paulo 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

PMSA/CIDA (Prefeitura de Santo André e Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional). **Desenvolvimento Econômico Comunitário e Turismo para Inclusão Social - Projeto GEPAM**. Vol 5. São Paulo: Annablume, 2004.

PASSARELLI, Silvia H. F. **Diálogo entre o trem e a cidade: o caso de Santo André**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

MENESES, U.T.B. **O patrimônio cultural entre o público e o privado**. In: DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p.189-194.

FERREIRA, João. Memórias de Paranapiacaba. In: FERREIRA, P.; PASSARELLI, S.; SANTOS, M. P. **Paranapiacaba – estudos e memória**. Santo André: Prefeitura de Santo André, Public Gráfica e Fotolito, 1990.

Processo No. 1252-T-87. **Proposta de tombamento da Vila Ferroviária de Paranapiacaba no município de Santo André, Estado de São Paulo**. São Paulo: IPHAN, 2002.

UNESCO. **CreativeEconomy Report**. Unctad, 2008.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas - Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções e CreativeCitiesProductions, 2011. Disponível em [:https://issuu.com/catracalivre/docs/livro_cidades_criativas](https://issuu.com/catracalivre/docs/livro_cidades_criativas). Acesso em 10 de janeiro de 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas**: Análise de um conceito em formação e da pertinência da sua aplicação à cidade de São Paulo. 312f. Tese (Doutorado) - Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas, Turismo Cultural e Regeneração Urbana**. 2009. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/cidadescriativas/ana-carla-fonseca-cidades-criativas.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável: O Caleidoscópio da Cultura**. São Paulo: Editora Manole, 2007.

FUGITA, Susan. **Turismo Cultural**: Um estudo de caso sobre a economia criativa na Vila de Paranapiacaba. 24f. Trabalho de conclusão de pós-graduação. Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, Universidade de São Paulo, 2012.

NETO, Marco M. **Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba**: O impacto das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico-comunitário da Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a 2004. 181f. Tese (Mestrado) - Administração, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2005.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, **Panorama da Economia Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, 2013.

PRADA, Antonio; THENORIO, Elcio. **Paranapiacaba: A Inglaterra perdida nos trópicos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E83lwATuNTw>. Acesso em 20 de maio de 2017.

PENA, Felipe. **Biografias em Fractais**: Múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://feliopena.com/wp-content/uploads/2015/03/fractal.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2016.

TAVARES, F. M. B. O Jornalismo Especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação**, v. 5, p. 115-133, 2009. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. **A Práxis do Livro-reportagem**: Teoria e Prática em Diálogo. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1109-2.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2016

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Florianópolis: Editora Record, 2003.

PAVIANI, Jayme. **O ensaio como gênero textual**. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o_ensaio_com_o_genero_textual.pdf. Acesso em 1 de junho de 2007.

APÊNDICES

Entrevistas

1) Juliana Flaminio, 35 anos

Funcionária da biblioteca municipal de Paranapiacaba

Bheatriz: Como começou sua história em Paranapiacaba?

Juliana: Eu sempre tive uma relação com a Vila, eu frequento aqui desde 1999. E aí em 2014, eu e meu marido decidimos casar aqui no coreto da Vila. A gente fez nosso casamento ali, em um domingo de manhã, em praça pública. Na época eu estava de licença da prefeitura, eu tirei licença prêmio, férias e acabei ficando uns quatros, cinco meses em casa.

Bheatriz: Você já trabalhava na Prefeitura?

Juliana: Eu sou funcionária do Semasa, na verdade, e depois mudei para a Prefeitura. Aí a gente resolveu fazer o casamento aqui, foi superbacana, fizemos ali no coreto e depois teve um café da manhã na pousada Memorialistas, da Zélia. Ela é uma das melhores aqui. E ela tem um espaço superbacana ali na pousada. A gente fez um café da manhã ali e depois uns amigos tocaram no coreto, ficaram fazendo um showzinho ali. Isso foi em março de 2014. Quando foi em abril, o pessoal da biblioteca me ligou, que a funcionária daqui ia se aposentar em maio e não tinha ninguém que queria vir trabalhar aqui. Aí eu falei: “então sou eu né? ”. Já que eu gosto tanto daqui, então eu vim para cá e estou aqui desde maio de 2014.

Bheatriz: Então você já tinha uma ligação com a Vila? As pessoas já sabiam que você gostava daqui?

Juliana: Na verdade, não. Eu tinha ligação com algumas pessoas da Vila, mais a parte artística assim. Por eu ser da área, meu marido também é artista plástico, a gente ajuda um evento que tem aqui que é o FOPP (Feira de Oratórios e Presépios de Paranapiacaba), que já estamos juntos com o pessoal há uns três anos. Então esse pessoal me conhecia, mas o resto eu fui conhecendo trabalhando aqui mesmo.

Bheatriz: Nessa troca de gestão que vamos passar agora, quais são seus planos para o futuro?

Juliana: Eu pretendo continuar aqui, porque eu amo trabalhar em Paranapiacaba, mas não depende muito de mim, porque muita coisa vai mudar. Claro, se for para mudar para algo melhor, eu não vou recusar. Mas, se eu pudesse escolher desse melhor ser aqui, eu preferiria. Por exemplo, mais uma pessoa trabalhando aqui comigo, para a gente poder abrir todos os dias, inclusive de sábado e domingo, fazer o revezamento, porque aqui é legal estar aberto de final de semana, por causa do turismo né. Até vem gente durante a semana, mas é pouco tempo. E as crianças, as pequenas, estudam integral, então saem da escola 16h e aí quando é 16:30, 17h eu estou fechando. Então, durante a semana eles não ficam muito aqui.

Bheatriz: Vocês só abrem nos finais de semana quando tem algum evento?

Juliana: Isso. No começo eu até vinha de terça a sábado, mas depois acabou não dando certo por questões internas, então eu venho de segunda a sexta. Mas eu fico sentida, porque chega final de semana, eu venho para cá com meu marido. Aí a gente fica por aí na Vila, mas eu poderia estar na biblioteca.

Bheatriz: Você conhece bastante os moradores daqui?

Juliana: Conheço, mas principalmente as crianças.

Bheatriz: Qual sua opinião sobre a situação atual da Vila?

Juliana: Agora está acontecendo esse restauro aí, tem muita gente que está bem confiante que vai ficar legal depois, mas eu, sinceramente, não sei, porque eu não estou entendendo ainda o esquema que eles estão fazendo. Algumas casas já estão prontas e não tem pessoas indo para essas casas. E mesmo assim, outras estão sendo tiradas, então dá impressão que eles estão querendo mandar todo mundo embora, limpar a Vila e abrir uma grande licitação só para aquela gente que tem dinheiro. Essa é a impressão que eu tenho.

Bheatriz: Quando a Prefeitura tira essas pessoas das casas, para onde eles vão?

Juliana: Algumas estão sendo realocadas, aqui mesmo. Outras eles estão “enchendo o saco”. “Ai, você fez isso errado, vai ser multado, tem que ir embora”. Eles criam umas coisas assim. Aqui, a biblioteca, foi o primeiro lugar a ser restaurado. Na minha opinião, desnecessariamente, porque o que mexeram foi aquelas duas janelas e aquela porta. Ali, eram três janelas de vidro e uma porta de vidro, o resto era tudo a mesma coisa, não mudou em nada. Então se era para mexer, porque não refizeram toda a frente da biblioteca? Porque a frente está toda errada. As janelas abrem e batem na mão francesa, está calculado errado a medida.

Bheatriz: Quanto tempo demorou esse restauro?

Juliana: Uns quatro meses.

Bheatriz: Você acha então que outros lugares aqui da Vila precisavam mais desse restauro?

Juliana: Muito mais. O lugar que foi o cinema está lá todo cercado e abandonado com uma super briga de gestão. “Porque a outra gestão que começou e aí a gente não pode fazer nada”. Mas aí, vai largar aquilo do jeito que está? A outra gestão não vai voltar. Então tem essas coisas que acontecem né, questões políticas. “Biblioteca, é o mais fácil, então vamos começar por lá...”.

Bheatriz: Dá para saber o que esperar da próxima gestão?

Juliana: Não dá para saber se vai ser para melhor ou para pior. Sem contar a pressão que a galera aqui sofre. Isso eu vi acontecer antes da eleição. “Olha, se não ganhar, o restauro não vai continuar. Se a Dilma não ganhar, vai parar o restauro”. Mentira, porque esse dinheiro é do Governo Federal e já veio faz tempo. Mas rola essa pressão nos moradores que às vezes não tem muita informação e acabam acreditando. E aqui, rola esse negócio de se você não está com eles, você está contra eles, então vão te tirar da sua casa. Está tendo essa obra hoje, mas o dinheiro veio lá trás. Se o dinheiro sumiu, é porque alguém pegou. E aqui não tem muito como esconder, porque as pessoas que trabalham no restauro são moradores, então eles falam.

Bheatriz: Todos que trabalham no restauro são moradores?

Juliana: A maioria. Isso aqui foi 90 mil. Os três caras que trabalharam aqui ganharam 10 mil. E os outros 80? Então, são umas coisinhas bem complicadas.

Bheatriz: Na sua visão, qual a importância da biblioteca para a Vila?

Juliana: Eu acho extremamente importante, porque a biblioteca é o único lugar de cultura que tem aqui. Aqui quem manda é a Secretaria de Gestão de Paranapiacaba e a biblioteca é da Secretaria de Cultura e, a única coisa que tem de cultura e lazer é a biblioteca.

Bheatriz: O que podemos encontrar no acervo aqui da biblioteca de Paranapiacaba?

Juliana: O acervo, em termos de livros, é ótimo. Às vezes não tem uma coisa assim bem nova, por exemplo, último lançamento, mas é normal, porque não têm nas outras também. E isso não é um problema, porque se não tem aqui e tem em outra biblioteca eu posso pegar, trazer e fazer esse intercâmbio. O que falta aqui, que o pessoal pede bastante, é a internet. O sinal da Vila só pega ali na pracinha, onde tem o mercado, não chega em vários lugares, não chega aqui esse sinal aberto da Vila. E o pessoal sente essa necessidade de ter um lugar para ir, para fazer um currículo e mandar, imprimir alguma coisa e aqui não tem, a Prefeitura não ajuda, tem que sair daqui e ir para Rio Grande da Serra para poder usar uma *lanhouse*. Então, desde que eu cheguei aqui o que mais pedem é a internet.

Bheatriz: Você mora aqui na Vila?

Juliana: Não, eu moro em Santo André.

Bheatriz: Quais foram os eventos que ocorrem aqui na biblioteca no ano de 2016?

Juliana: Esse ano foi bem devagar pela situação da Prefeitura. A Prefeitura não está pagando ninguém, nem um projeto. Eu tenho um grupo de teatro, a gente apresentou em maio do ano passado e até agora (dezembro) a gente não recebeu. Então, todo mundo cansou de fazer trabalho voluntário, só quando é gente da PROAC (Programa de Ação Cultural) que as pessoas precisam apresentar alguma coisa de graça, acaba vindo alguma coisa. Ou gente da própria biblioteca, a última

contação foi uma das bibliotecárias que ela faz esse trabalho de contação de histórias e aí ela passou em todas as bibliotecas fazendo contação. Aí fizemos o contato com a escola e eles descem a turma inteira para ouvir.

Bheatriz: Falando um pouco da Vila como um todo, o que você acha que precisa melhorar?

Juliana: A comunicação visual da Vila, que não é uma coisa que é dessa gestão, já faz tempo que está precária. A biblioteca em si. A biblioteca não tem um nome lá fora, grande, bem visível. Tem uma plaquinha pequena que, muitas vezes, que está descendo a rua nem vê. Passa aqui na frente e nem vê que é uma biblioteca. Isso em vários lugares. São poucos lugares que estão com a placa nova. Ou porque fez do bolso ou pintou a mão. E isso é muito importante. Não só aqui, mas nos outros lugares. A pessoa passe na frente e não sabe se é uma pousada, um ateliê ou um restaurante. Então, a comunicação visual está faltando aqui. E os projetos da Prefeitura chegarem até aqui, porque muita coisa não chega. Da parte da cultura mesmo. Aqui não tem nenhuma aula de violão, nem de teatro, nem de dança. Aí no começo do ano tem uma amiga minha do grupo de teatro que veio aqui, passamos na escola, perguntando em todas as salas quem gostaria de fazer aula de teatro para levar para a Prefeitura uma demanda. Não adiantou em nada. Parece que Paranapiacaba fica esquecida assim. Só lembram daqui no Festival de Inverno. E esse ano, se não fosse o pessoal daqui bancar o Festival de Inverno também não ia ter, porque o dinheiro saiu do fundo de gestão da própria Vila.

Bheatriz: Esse ano as atrações foram bem menores?

Juliana: Sim, não teve quase nada, nenhum artista grande, de nome. Não que isso seja o principal, porque eu acho que nem precisa de um festival que vem Milton Nascimento e vem São Paulo inteiro para cá. A Vila não comporta esse número de pessoas. Mas tem que ter uma programação bacana, ser lançada com antecedência. Foi no último final de semana de julho e o primeiro de agosto, tinha gente vindo no primeiro final de semana de julho procurando o festival. E no primeiro final de semana de julho ninguém sabia ainda se ia ter ou não, então foi muito em cima, foi complicado para o pessoal. Em compensação tem outro evento que bomba que é o Festival das Bruxas, super conhecido. Eu acho até mais bacana porque os

bruxos começam a chegar na quinta-feira. Todas as pousadas ficam lotadas. O pessoal fica qui de sexta até segunda. Diferente do Festival de Inverno que o pessoal vem e vai embora no mesmo dia. Eu acho bem bacana, mas tem o lance religioso envolvido também, a maioria das pessoas da Vila não gostam porque não vai muita com a cara das bruxinhas.

Bheatriz: Como foi esse último festival do FOPP que teve?

Juliana: Foi bem simples também, sem apoio da Prefeitura de novo. Todo ano eles dão alguma brecha com a galera. Mas assim, quem produz a feira, quem está cuidado é um cara aqui da Vila que não sabe de produção de eventos. Então, eu e meu marido chegamos juntos para tentar dar uma força, então aos pouquinhos a gente está melhorando porque todo mundo aqui na Vila é muito fechado. Se você chegar querendo fazer alguma coisa o pessoal vai te barrar, você é estrangeiro, um forasteiro. O pessoal tem muita resistência com quem vem de fora aqui. Mesmo nós, que já éramos amigos desse cara, é difícil. Eu já avisei que se for para ser igual esse ano, eu não quero mais não. Aqui as pessoas têm um tempo de reação que é diferente da gente que vem de fora. No começo, eu estranhei bastante. 10 horas da manhã está todo mundo dormindo ainda. Eles vão acordar meio dia, 13h. Agora, eu já estou compreendendo um pouco mais.

Bheatriz: Qual meio de transporte você utiliza da sua casa até a Vila?

Juliana: Eu venho de moto. O ônibus de Santo André até aqui passa de uma em uma hora. E quebra quase todo dia e, o pessoal aqui é devagar. Reclama para o vizinho, mas não reclama onde tem que reclamar, então não adianta nada. Se não fosse a moto, acho que eu não estava trabalhando mais aqui. Todo ano eu me acidento de moto, aí eu tenho que ficar um tempo usando o ônibus, aí é só reclamação minha. Quando o ônibus atrasa ou quebra eu entro lá no site e reclamo. Eu sei que não vai adiantar, mas se todo mundo fizesse isso alguma coisa ia mudar. E de carro sai muito caro também.

2) Suzana Kleebe, 52 anos
Historiadora da prefeitura de Santo André

Bheatriz: Como começou sua história com Paranapiacaba?

Suzana: Eu fiz História. Eu, na realidade, sou daqui de Santo André, estudei aqui em Santo André sempre até o colegial. Era um momento ainda que você não tinha muitas oportunidades nisso tudo. Estudei sempre em escola pública. Também não havia esse 'boom' de escolas particulares e eu, sou de uma família onde nós somos 5 filhos, então, minha mãe é professora, meu pai trabalhava com assistência técnica de máquinas, ou seja, eu não tinha muita opção. Ou estudava em escola pública ou não estudava. Sou de uma família que sempre valorizou essa coisa do estudo, então todos nós estudamos bastante. Quando eu acabei o ginásio no Américo Brasiliense, lá eu tive alguns professores bem legais, entre eles o professor de História, e eu fiquei até em dúvida quando eu fui para fazer o vestibular, eu fiquei em dúvida entre o jornalismo, que é uma coisa que eu gosto muito de escrever, de ler, e História. Mas acabei optando pela História porque eu tive um professor muito bom e aí eu achei que poderia ser legal. Prestei UNESP também, era em Assis, prestei na USP, e a USP era infinitamente mais perto. Então fiz 4 anos lá. Foi ótimo, interessante, já fiz algumas pesquisas ali, então isso me deixou com muita vontade de trabalhar com pesquisa, gosto muito. Fiz iniciação científica, mas eu, na época, pensei até em fazer um Mestrado, tive a oportunidade inclusive, mas eu acho achava que, na realidade, a História ela estava um pouco longe do que eu imaginava do papel que um historiador deveria ter na sociedade. Aí eu falei "eu preciso amadurecer", eu era um pouco jovem, acabei a faculdade com 20 anos. Fiquei um pouco pensando e aí eu fui fazer Museologia. Aí eu fiz uma pós-graduação na área de Museologia, 3 anos de estudos e aí foi muito legal porque isso me deu aquela dimensão que eu achava que estava faltando na história. Porque Museologia é uma ciência assim mais prática, mais direta com o público, com as pessoas, apesar de as pessoas terem aquela ideia de que Museu é um lugar de coisas velhas, muito pelo contrário, o Museu é um lugar da interação entre o novo e o que é o passado. Então, eu gostei bastante disso. Para mim, foi muito importante porque eu tinha aquela formação e aí eu trouxe uma formação onde eu podia aplicar. E aí eu fiz alguns estágios, era obrigado 3 estágios, e em um desses estágios obrigatórios que eu tinha que fazer,

eu já um pouco distante da minha cidade, porque eu fazia tudo em São Paulo, mas era muito difícil ir para a USP, me tomava 4 horas todos os dias e último estágio que eu tinha que fazer era em Museus municipais e aí eu fiquei pensando onde eu podia fazer. E um dia passando aqui no centro de Santo André eu vi que tinha uma exposição no Museu de Santo André e aí eu fui até ali para ver se eu poderia fazer o estágio ali. Foi muito interessante porque eu retomei aquele fio que estava lá trás da minha vida com Santo André, com o ABC e eu fiz o estágio de uns 3 meses mais ou menos. Montamos exposições e o pessoal foi bem legal também e, em seguida, eles fizeram um concurso (1991). O Museu existia desde os anos 70, mas em condições precárias e aí eles estavam se estruturando, já tinham feito alguns concursos, mas eles precisavam de alguém da área de pesquisa. Aí fizeram concurso na área de História. Eu e muitos amigos inclusive, prestamos esse concurso. E aí eu passei no concurso e aí eu fui trabalhar lá. Aí eu comecei a me debruçar sobre essa história regional, que eu não tinha muita ideia. Na faculdade a gente também não tinha estudado isso, não tinha aprendido a respeito, porque é um campo de estudos, que é o campo da história regional, não tinha aprendido, então eu comecei a trabalhar até teoricamente como era isso, o que seria isso, porque a gente, claro, tem que pensar o ABC como uma região, além dos municípios. E com isso então eu comecei a minha trajetória, tanto de pesquisa, quanto de apoio nas questões do Museu de você ir atrás das informações, de ir atrás dos projetos, porque muitas informações elas não estão nos livros. Quando eu comecei era muito precária a área assim, de obras, de estudo, sobre o ABC, era muito pouco sobre Santo André. Hoje, a gente tem a felicidade de ter muita coisa, mas era um momento que era muito difícil. E aí então, foi interessante porque eu acabei acompanhando. Eu sempre tenho bastante orgulho porque eu acabei acompanhando todo esse movimento de valorização da história local. Então, tudo estava por fazer, várias pessoas interessadas. A gente começou a trabalhar, muitas delas estão aí ainda, então existem pessoas dos mais diferentes tipos e isso é muito legal. Porque no ABC você tem professores do porte do professor José de Souza Martins, grande sociólogo brasileiro, talvez o maior e ele discute o ABC e, você tem professores hoje da UFABC que vários discutem o ABC. E você também tem aquele cidadão que é o indivíduo que tem interesse pela sua história, que tem interesse pela memória, que tem interesse por saber mais, por valorizar essa história e, essa memória. Então, isso é muito interessante, é muito valorizado aqui no ABC. Esse papel que o indivíduo, que o cidadão tem, na

construção da história, então isso é uma coisa muito importante e muito significativa porque a gente percebe que aquilo que você estuda em determinados teóricos, a história é feita por todos, nem sempre ela é assim e, em boa parte ela não é assim, é legal porque ainda que você tenha uma história que é construída e, essa construção ela envolve valores, interesses e pessoas, é uma coisa mais ampla e você pode, no seu trabalho, coletar coisas com várias vertentes, vários olhares. A Zélia Paralego e o Eduardo Pin são pessoas com visões bastante diferentes. A vivência de um, a vivência do outro, ainda que os dois residam ali em Paranapiacaba. O olhar é outro, as formas de abordar as questões são outros e, assim como outras pessoas que você vai entrevistar. Então, foi por aí que eu entrei e aí pensando um pouco em Paranapiacaba, que é o seu ponto, é claro que Paranapiacaba está dentro desse conjunto, sempre foi um lugar bastante interessado de várias áreas de conhecimento, ela envolve isso. Existiam até, estudos muito interessantes, mais antigos até, no campo da arquitetura e do urbanismo. Alguns estudos mais fortes no campo da história, quando do tombamento estadual de Paranapiacaba, uma coisa mais sólida. Aí depois, dos anos 90 para cá, quando a prefeitura compra efetivamente a Vila em 2002, um pouquinho antes já tinha uma discussão, é muito daquele momento porque antes disso a discussão era muito mais assim, do ponto de vista de quem estava pensando na conservação, que é muito legal, que é muito importante porque é fundamental, se você não tiver aquilo como é que vai ser. Mas, a gente ainda tem muitas carências, e uma das carências, sem falar das carências sociais e econômicas que existem ali, que são gigantescas, mas existem ainda carências no campo da pesquisa, existem muitas carências porque existem uma série de documentações que elas ainda são indisponíveis. Exatamente aquela documentação que talvez pudesse trazer para nós um olhar mais apurado sobre as relações sociais, sobre a forma de trabalho, sobre a questão da segurança daquela empreita, por exemplo, são informações que são indisponíveis. A gente tem ainda uma lacuna e tem um campo de estudo grande ainda a ser pensado, porque durante muito tempo, a questão do espaço físico foi preponderante. Olhava-se para aquilo e falava: “putz o que é isso, que coisa incrível, ficou aqui parado no tempo essa estrutura, olha que coisa impressionante”. A casca por si só ela não se sustenta, precisa das pessoas. E aí a gente tem hoje essas pessoas que podemos conversar, que têm essa memória, que é muito legal de fato, mas é claro que a gente precisa avançar muito no sentido de conhecer um pouco mais daquilo, imagino que essa

documentação um pouco mais adiante, torço com os dedos cruzados, que a gente tenha isso disponível, porque isso vai dar uma virada um pouco e vai qualificar, inclusive, as ações que são desenvolvidas no campo do turismo, no campo da conversação, no campo da comunicação daquele lugar. Isso é uma coisa bem legal.

Bheatriz: O que mudou no desenvolvimento da Vila desde que você começou a trabalhar na Prefeitura até hoje?

Suzana: Ali, você sabe que ela fica no topo da Serra, é um ponto culminante da Serra. Então, se você fizer assim você vai descer 8º ladeira abaixo. Durante muito tempo, aquele lugar era um ponto final de quem vinha vindo. Nós tivemos grandes crises econômicas aqui nos anos 80, 90 e a região aqui, ela se ressentiu muito disso. Então a gente sabe que muitas pessoas, elas saíam daqui do ABC, de alguns determinados lugares e iam sendo empurrados para Rio Grande da Serra, Mauá, Ribeirão Pires e chegavam ali em Paranapiacaba que é um ponto, vamos dizer assim, culminante, dali você não consegue ultrapassar, porque você desce. Então isso fez que aquele lugar fosse um mix de pessoas que, muitas vezes, não tinham exatamente a compreensão do que era aquele lugar. Essa foi uma primeira coisa. Por outro lado, ali era uma região que ela tinha uma estrutura fundiária confusa. Ela era um lugar que era da rede ferroviária federal, como se a gente tivesse uma fazenda cheia de ruas dentro, mas aquilo era de rede ferroviária federal. Todo aquele conjunto, aquela gleba. A parte alta era pública, as ruas, a prefeitura deveria cuidar, aquelas casas deveriam ser todas daquelas pessoas e a parte baixa ela era toda de responsabilidade da rede ferroviária, então toda aquela questão da manutenção era de lá. Então isso gerou um problema grande para o lugar. Porque o que acontece, você não tinha o seu proprietário, ela não era sua, mas o proprietário era distante de você, você não tinha a quem se reportar se você tivesse algum problema, então isso gerava dificuldades e, ao mesmo tempo, tanto o município, quanto a rede ferroviária, ela fazia com que você tivesse muitas precariedades. Problemas com manutenção de vias, problemas com rede elétrica, problemas que impactavam ali. Pensando no microcosmos. Não era fácil, não é fácil viver em Paranapiacaba, porque você tem uma barreira, que é uma barreira que ela é geográfica e a gente não pode ver isso como um problema, mas como uma questão importante ali. A Represa Billings que ela não permite um fluxo constante, ainda

bem, porque preserva-se a serra. Sempre existiu esse bloqueio, desde os anos 20, muito tempo e, isso dificultava qualquer ação mais voltada para esse desenvolvimento econômico. Você teve um outro problema sério, de acordo com a política do governo Federal à época, depois já era algo estadualizado, mas as primeiras discussões eram em nível Federal ainda, de você diminuir o fluxo de trens. E aí na década de 80, houve uma primeira parada e, na década de 90, ele acabou de vez. Aí o que aconteceu, acabou a forma de você se transportar, a mobilidade, a conectividade daquele lugar com o resto ficou prejudicada. O ônibus é mais uma carroça e as pessoas podem ir de carro, mas quem tem carro? E tem toda a precariedade das estradas, chuva. Então ali é um lugar especial porque ele tem uma série de restrições legais, inclusive, que fazem com que você tenha que ter um olhar mais fino para o que é esse desenvolvimento, então ele não pode ser aquele desenvolvimento que a gente tem na cabeça e muitas pessoas, de que lá você pode ter uma indústria, um negócio que você vai ter um monte de empregos, um monte de gente, não. Não é possível esse tipo de coisa. Então, você tem que gastar bastante cabeça e pensamento para você fazer algo que seja mais adaptado aquele lugar. Então entra a questão do turismo. Então se você me perguntar o que mudou, se eu pensar que o desenvolvimento é mais do que só econômico, que é um pouco como eu penso, então eu vou dizer que a gente perdeu ali mais do que ganhou ao longo do tempo. O que a gente perdeu? A gente perdeu as redes de sociabilidade que existia entre lá e o resto, você perdeu um espaço de convivência entre as pessoas e, você perdeu, para as gerações mais novas, olhando para o futuro, um universo de oportunidades que poderiam estar sendo aproveitadas ali. Eu falo isso porque antes, o que acontecia, você era de uma família de ferroviários, você já sabia que você ia continuar naquele lugar e que você ia continuar fazendo o trabalho tal igual ao seu pai. Mas, você eliminou quase que totalmente a perspectiva de trabalho, aí eu falo de coisas que existem lá, por exemplo, comércio, serviços. Então você não tem essa reprodução, ela não acontece. E isso faz com que o lugar fique pairando. Então, a sensação que eu tenho de Paranapiacaba, até hoje, apesar de tanto trabalho, ela paira. Porque você ainda não consegue que aquela população, que está ali, que é flutuando, ela não era, ela vai e volta, assim como a neblina, ela paira, ela fica ali, meio às vezes de uma maneira um pouco mais ativa, às vezes menos, depende ainda do papel do estado. Se o estado vai lá e tem um papel proativo, aí as coisas vão um pouco mais adiante. Eu, enquanto cidadão ali, eu não consigo enxergar

possibilidades para ir adiante. Então, não é à toa, que você sabe que as coisas elas só funcionam depois das 10h, que as coisas só caminham se a gente ficar tocando. A quantidade de cursos e atividades que eu participei com aquelas pessoas, não dá para contar, são inúmeras. E a gente fica até sentido com isso. Mas o que eu percebo hoje assim, fazendo uma análise bastante crítica de tudo isso, aquelas pessoas, de fato, elas precisam de alguma coisa além do que você dar um curso. Elas ainda não têm uma maturidade, a sociedade ali, de forma que você possa dizer: “eles sabem o caminho que vão seguir”. Então, claro, hoje, toda a discussão do turismo é muito legal, é um caminho, mas também é um espaço que temos que tomar muito cuidado. O turismo é muito importante, mas ele tem um componente, que ali a gente tem que prestar bastante atenção: 1) por um lado a descaracterização do espaço, das relações que se estabelecem aí, porque o turismo ele olha de uma maneira muito mercadológica para as coisas. Precisa ter um olhar fino para que você não perca aquilo que faz a essência do lugar. 2) por outro lado a questão da gentrificação, que também é um componente importante, principalmente em localidades onde você tem muitas vezes uma comunidade mais antiga, que está ali e é simples e, que tem outras relações com o espaço e aí o turismo chega e acha que aquilo tem que mudar e aí você tira a base. Então, o turismo em Paranapiacaba ele vive sob um impasse constante. Porque ao mesmo tempo que você tem que ter essa coisa um pouco que dê oportunidades para as pessoas, que vislumbre, um universo de oportunidades futuras para essas pessoas, que é muito importante, é um caminho, mas também é preciso ter um pouco esse papel e aí o poder público ele tem um pouco esse papel, às vezes de uma maneira ativa e dialogadora, às vezes não, então de fazer esse diálogo entre essas ideias que são do turismo, porque nem todo turismo é ambiental, tem gente que vai lá de jipe, tem gente que vai de moto, tem gente que vai por questões religiosas, é um universo aquilo. Então, tem o turismo religioso, tem o turismo cultural, tem o turismo histórico, tem o turismo de massa, então você tem que olhar para isso e olhar para essa comunidade de uma maneira muito fina para que você não choque interesses de ambos. Eles se chocam em alguma medida, mas é preciso que haja um trabalho aí e aí é o papel do poder público. No meu entender é o papel dele porque: aquela gleba hoje é do poder público municipal, ou seja, então ele está diretamente envolvido. Ele é aquele mais próximo da realidade, então é preciso ter um diálogo entre os agentes todos e esse poder público municipal que tem condições de regulamentar e regular as estratégias

de desenvolvimento, as estratégias de convivência, ele tem um papel de organizar o espaço, coisas bem básicas do tipo rua que sobe, rua que desce, onde que eu tenho que colocar aquela capa, onde eu tenho paralelepípedo, onde eu não tenho e, também ele tem um papel de ouvir o que as pessoas têm a dizer. São algumas coisas que tocam diretamente o poder público municipal, não só municipal, porque você também tem as instâncias estadual e federal e você tem um lugar que tem o Parque Estadual da Serra do Mar, então já tem a instância estadual por conta disso e, você tem, além disso, o tombamento nessas três esferas e, isso dá uma dor de cabeça imensa, porque você tem que ter um diálogo e esse diálogo tem que ser capitaneado, no meu ver, pelo poder público municipal mas tem que se capitanear um diálogo entre essas três instâncias e pode parecer que as formas de proteção são todas iguais, mas elas não são. Cada um tem seu jeito de olhar para a conversação, cada um tem seu jeito de analisar como as coisas devem ser feitas. Então, você veja quantos entraves, assim que existem. Eu vejo que, por um lado você tem um avanço da institucionalidade, as coisas são mais regulamentadas, mais organizadas, você tem momentos em que o diálogo com a sociedade é muito franco, aberto, mas você tem momentos de total descaso e a população se ressentiu muito disso. Eles têm uma visão muito negativa do poder público. Então eu acho que ainda falta muita coisa, do lado da sociedade, ainda falta um amadurecimento muito grande, eles têm dificuldades estruturais e pessoais, de compreender que eles estão em um lugar especial, que eles estão integrados em uma ideia como essa, que vale a pena investir em uma resistência. Porque a vida deles foi o descaso, então um pouco do receio que você fala está associado a isso, a vida dessas pessoas, muitas delas, uma relação subordinada ao poder, distante, mas ele existia, você tinha lá os seus prepostos, as pessoas que mandavam, então você tem isso e por outro lado, você tem um abandono, o abandono da própria rede quando em 1974 em paulatino abandono e, o abandono ainda recente de diálogo entre os poderes públicos, notadamente o poder público municipal.

Bheatriz: Por parte da cidade de Santo André, o que você acha da posição em relação à Vila? Você acha que o trabalho é o bastante ou pode ser feito mais?

Suzana: O poder público vai em vagas, então se você tem lá agentes públicos que são mais interessados, aí o negócio anda. Se você tem uma possibilidade maior, se

you have a greater understanding of what it is, but certainly for some people, for public power, in some given moments, the idea was "sell that there" because it takes a lot of work, it is far, it is difficult. For determined moments very difficult, I think that this arises. On the other hand, you have other professionals who work there who are fantastic people. Many moments you have a door on your face, you have difficulties, it is not very simple to deal with people, mainly when they are in a precarious condition. Thinking a little more broadly, I think that the city has not yet embraced the cause of Paranapiacaba, I tell the residents, that the people there cannot understand that that is part of their life, that that there is an object of value, an important thing in the city. The people do not recognize that space as being theirs, in determined places you see that the population mobilizes in favor of the thing, of the space. Here in Santo André, this is still very precarious. They like to go there, to enjoy it, but to have a responsible action towards that space they do not have yet, people do not have this conscience. Because you live in a society that is individualist and on the other hand, the lack of historical information about the place where you are. Social responsibility is still missing, from society as a whole, people, entities, organizations, companies, everything.

Bheatriz: You think that the City Council hears what the residents of Vila have to say?

Suzana: Sometimes yes, sometimes no, it is very seasonal. You do not have permanent structures for dialogue, it is very difficult this, so in moments the citizen has that structure, you have the council. Moretto can talk a lot about this. The councils are a form of dialogue, so this helps a lot because you hear what the person has to say, you hear their side, their difficulties, their facilities, dialogue is needed. In other moments, this practically disappears from the universe, as if it were an appendix, and here in a sensitive place like this, this is fundamental because it is a small community, they have conflicts, they have difficulties between them, the people are not equal, so these activities are also interesting for you to manage to dialogue, the people manage to dialogue with each other, the interests manage to be more conjugated, you have various plans that were made and that were very good but you do not have, many times, conditions to apply that. And here it is difficult because it is another form of dialogue with

as pessoas, então você tem todo aquele trabalho que está sendo feito de restauração, que é incrível, a gente fica tão feliz com tudo isso, mas é muito fácil isso deixar de existir. É muito fácil isso sair do universo de possibilidades de pessoas que moram lá, porque a alternância de poder no Brasil, de modo geral, ela faz com que você simplesmente elimine determinados serviços, elimine determinadas possibilidades de diálogo e aí a pessoa fica assim, o que ela tinha, ela não tem mais. O que ela imaginava, o que ela ia conseguir daqui a 5 anos, ela não tem então, porque a nossa forma ainda é pouco institucionalizada, é muito pessoalizada, então eu acho importante isso como gestora, eu não acho importante eu não faço. Então o que você faz com isso? Você diminui as possibilidades daquele lugar ter uma vida mais interessante de as pessoas terem possibilidades de trabalhar com coisas que possam fazer sentido para elas, daquele espaço que é um espaço especial, então é um problema. A sazonalidade é um problema no diálogo. Diálogo de vários tipos, esse interpessoal, mas também diálogos de propostas, de planos, de atividades, eu conheço um monte de planos, mas quais desses foram aplicados no tempo que eu trabalho aqui? Detalhes de alguns, nunca como plano. O plano ele é um planejamento, uma forma, de olhar para aquele espaço.

Bheatriz: Você não lembra de nenhum que tenha sido feito efetivamente?

Suzana: Não, não existe. E aí o que é isso, o plano, o planejamento ele envolve o espaço. Os recursos e a sociedade e as pessoas e fica tudo meio capenga. A pessoa imaginava que aquilo iria dar certo porque estava lá naquele plano, e aí daqui a pouco, mudou tudo de novo. Então, isso é complexo, é um outro nó. Você vê que eu não sou muito otimista. Acho que não vai ser a minha geração ainda, acho que vai ser a sua que vai ver aquilo ali mais organizado, mais legal, mais valorizado por todos. Nós temos dificuldades, historicamente sempre fomos muito explorados, o Brasil de um modo geral, então nós não temos aquele amor, aquela preocupação, ainda vai um tempo de amadurecimento da sociedade para a gente conseguir enxergar as coisas desse jeito. Não podemos nos desesperar e temos que fazer, temos que trabalhar, mas ainda vai um pouco de tempo.

Bheatriz: Você acha que falta um pouco de criatividade e inovação? Soluções mais criativas?

Suzana: Eu acho que sim e não. Sim porque você tem possibilidades, a criatividade e a inovação são duas coisas fantásticas que você pode solucionar. Vou dar um exemplo (biblioteca da UFABC). Então, a gente pensa às vezes em inovação e criatividade como uma coisa “vamos criar um robô” e não é isso. Muitas vezes é uma coisa tão simples como essa, então, desse ponto de vista, há uma carência de coisas às vezes muito práticas, muito simples. E claro, há uma necessidade de ser pensar possibilidades criativas para aquelas pessoas viverem lá. Por outro lado, você tem uma questão que ali é um lugar que tem que ser conservado. Não que a conservação e o patrimônio hoje sejam vistos como uma parada no tempo, não, ninguém que trabalha seriamente com patrimônio e preservação pensa desse jeito, não é parar no tempo. Existem pessoas, inclusive da comunidade de Paranapiacaba que tem essa visão. Quem trabalha com conservação do patrimônio não pensa assim. Mas, você tem que manter elementos, você tem que manter características, tem que manter algumas questões, senão você descaracteriza. Você não pode mudar as casas de alvenaria, porque é assim, mas você pode buscar alternativas para que as pessoas não passem tanto frio em Paranapiacaba, por exemplo, porque lá é muito frio. E aquelas casas, aquelas que você tem o colchão de ar entre as paredes, elas são quentinhas, são poucas. Aquelas não têm o colchão de ar, só tem essa madeira de fora, elas são frias, porque o frio entra por todas as frestas. Então você tem que ter uma ação criativa de forma que aquelas pessoas, por exemplo, passem menos frio, conservando aquele espaço, conversando que você tem a madeira e você tem, então, que criar soluções para que também elas não passem tanto frio. Então, do ponto de vista bastante simples, da estrutura física, você tem que buscar então e tem que ter o diálogo, porque o morador às vezes fala “não, vamos derrubar isso e fazer tudo bonitinho”. Isso não quer dizer, que eu posso ter em Paranapiacaba um banheiro de 20 metros quadrados, como eu teria no centro de Santo André. Então, tem um limite entre a inovação e a criatividade, do ponto de vista estrutural. Do ponto de vista cultural, então eu acho que a coisa é mais precária porque ela poderia talvez ser mais, as pessoas terem uma relação mais próxima das relações culturais e não necessariamente uma cultura que eu trago, uma cultura que eu implanto, uma cultura que eu acho que tem que ser ali. Não, eu tenho que fomentar naquelas pessoas que estão lá, que são moradores de 2017, não são moradores de 1920, ações criativas, não só a cultura artística, mas os modos de vida. Isso eu acho que a Prefeitura ainda não valoriza e a comunidade também não.

São coisas que são simples, que não envolvem você ter grandes recursos, mas que garantiriam para as pessoas uma qualidade melhor. Então, quais são essas ações? O que efetivamente pode ser feito ali para melhorar a qualidade de vida das pessoas do ponto de vista da criatividade? Uma ação entre as pessoas, uma ação de mobilização para elas, uma ação de solidariedade entre os moradores e aí em cima disso existem, mas como a gente está naquela coisa que é muito difícil porque essas estruturas mais físicas, o robô, o colchão de ar, essas coisas se fazem, num tempo razoável, a mudança de cultura ela demora, então as pessoas ainda não enxergaram onde está o *timing* disso, tanto a gestão quanto os moradores. Então, vamos fazer portas abertas, vamos fazer ateliê, vamos fazer mapas mentais, tudo isso é incremento para que você pense em soluções criativas para um lugar especial. Então, é um caminho.

3) Marcos Imbrizi, 46 anos**Assessor de imprensa da Prefeitura de Santo André e de Paranapiacaba**

Bheatriz: O que mudou no desenvolvimento da Vila desde que você começou a trabalhar aqui?

Marcos: Se não fosse o saudoso prefeito Celso Daniel, talvez hoje nem existiria mais. Porque a Vila entrou em um processo de decadência, prédios caindo. Ele ciente da importância da Vila, ele fez um processo e através da prefeitura foi comprada a Vila de Paranapiacaba, a parte baixa. E isso foi em 2001. Então a parte baixa da Vila é propriedade da prefeitura. A prefeitura não tem tanto recurso para investir na operação. Então nesse período aí, dentro do possível, com recursos próprios, com parcerias, com a Petrobras e agora, mais recentemente com o Pacto de Cidades Históricas, então se conseguiu. Em um primeiro momento foi o restauro do Museu Castelo, do Clube Lira Serrano, Casa Fox, alguns restauros pontuais. Porque a prefeitura não tinha recursos. Agora, com o Pacto Cidades Históricas, conseguiu, o ex-secretário Ricardo Giorgio, fala que Paranapiacaba ganhou na loteria. Mas de 40 milhões de reais que foram garantidos para o restauro. E esse trabalho está sendo feito. Uma coisa bacana. A Vila é considerada um patrimônio histórico nacional e também é tombada pelo estado e pelo município e é candidata à patrimônio da humanidade, devido à sua singularidade. Uma Vila ferroviária como essa acho que é a única, parece que tem uma pequena no México, mas menor que a Vila de Paranapiacaba. É uma coisa singular.

Bheatriz: Você também acha que nós, aqui de Santo André, não temos muita informação sobre a Vila?

Marcos: A gente trabalha na comunicação, então um dos nossos desafios é mostrar isso. Seja para que as pessoas tenham acesso a esse patrimônio, seja também pelo meu lado de assessor de imprensa, é legal você contribuir nesse processo de estar levando pessoas na Vila, porque tem muita gente que trabalha, tem uma pousada, tem um restaurante, outro trabalha como guia, então isso é a fonte de renda para essas pessoas, então é importante.

Bheatriz: Para esse restauro que está sendo feito, é tudo dinheiro que a prefeitura recebeu?

Marcos: A prefeitura não recebeu esse dinheiro, não é assim não, como se os 40 milhões através do Pacto Cidades Históricas, o Governo Federal entregou, não é assim.

Bheatriz: O dinheiro vem aos poucos então?

Marcos: Foi feito o restauro primeiro da biblioteca. Fez a obra, finalizou, é feito uma inspeção, tinha um projeto que determinava valores. Aí eles pagam esse dinheiro referente a isso. Aí, o Bar da Zilda, mesma coisa. Tinha o projeto, valor, finalizou a obra, é feita a inspeção, aí é pago esse valor. É assim que funciona. Não é que a Prefeitura está com esses 40 milhões lá no caixa. O pessoal da Vila pensa que está lá no cofre.

Bheatriz: Na sua opinião, as pessoas que moram lá querem esse restauro?

Marcos: Talvez tenha esse problema também. Falta de compreensão das pessoas que moram na Vila terem essa noção de que mora em uma Vila histórica. Não é qualquer lugar e infelizmente, algumas pessoas não têm essa compreensão. Algumas pessoas, por exemplo, moram em uma casa na Vila e cuidam dessa casa, sabem da importância, outras, não estão nem aí.

Bheatriz: Para morar em Paranapiacaba como funciona? Tem que comprar?

Marcos: As casas são de propriedade da Prefeitura. Faz tempo que isso não acontece, principalmente agora com esse negócio do Pacto. Até antes dessa história, quando tinha umas 10 casas vazias, a Prefeitura fazia esse chamamento público. A casa número tal, tal da rua tal está vaga, quem quiser ocupar apresenta uma proposta. Aí tinha o valor mínimo, por exemplo, você ia lá e se interessava por alguma dessas tinha o valor mínimo, e isso é 200/300 reais. Tem gente que paga 100 reais para morar em uma casa lá. Então é esse o processo. A maior proposta era contemplada, por um prazo, acho que de 5 anos.

Bheatriz: As casas são todas de propriedade da Prefeitura?

Marcos: Sim, eles têm uma permissão de uso. Tanto de comércio, como de moradia.

Bheatriz: Na sua opinião, a Vila gera muitos empregos?

Marcos: Eu sei que tem muita gente que trabalha lá, seja com uma pousada, um restaurante, ou trabalha como guia, monitor. Me parece que a última contagem do IBGE falava que moravam 1000 pessoas lá na Vila. E tem muita gente que trabalha fora. E aí essa dificuldade: pessoa que trabalha aqui em Santo André depende do ônibus, é um problema. Agora, se fosse até como 15 anos atrás, você pegava o trem na Vila e 40 minutos você estava aqui em Santo André. Mas a ideia do nosso Governo do Estado não permite isso, infelizmente.

Bheatriz: Você acha que existe um incentivo por parte da Prefeitura de Santo André? No sentido de querer fazer a Vila melhorar, crescer, você acha que existe isso dentro da Prefeitura?

Marcos: Tem essa preocupação sim. Seja para garantir a manutenção, a melhoria no Patrimônio, seja nas questões para gerar renda. E tem uma questão: lá na Vila, esse é o principal papel da Prefeitura, você tem creche, você tem escola municipal, você tem posto de saúde, tem uma série de serviços que são prefeitura que garante. A Escola de Ensino Médio é do estado.

Bheatriz: Na sua opinião, seria possível criar novos mercados dentro da Vila? Por exemplo, criação de mais restaurantes, de mais pousadas, ou você acha que não tem procura para esses serviços?

Marcos: Sim. O pessoal fala que falta na Vila um bom restaurante. Tem uma pousada que serve trabalho de restaurante, mas seria legal você ter um restaurante mais qualificado. Mas, temos que ter empreendedores disponíveis, interessados.

Bheatriz: Qual a sua opinião sobre os eventos que ocorrem na Vila, como o Festival de Inverno?

Marcos: A Vila tem um calendário de eventos. Em fevereiro tem o Carnaval, é aquela história dos carnavais de antigamente com marchinha e tudo mais. Muito legal né. Em abril tem o Festival do Cambuci. Cambuci é típico da Mata Atlântica, é uma forma de estimular que as pessoas conheçam o Cambuci. Agora em maio, tem a Convenção das Bruxas. Em julho, tem o Festival de Inverno. Em agosto tem o SteamCom, são adoradores da ficção científica do século XIX, é muito legal. Eles viajam, é uma mistura de literatura científica do século XIX, eles viajam. Acho que vai ser o quarto ano. E eles estão batalhando, é uma molecadinha nova, mas é um trabalho muito legal. Porque SteamCom é um movimento que existe no mundo todo, tem na França, acho que na Nova Zelândia. Eles viajam em umas fantasias, em uns objetos, umas artes e a literatura. E eles estão batalhando para fazer o maior encontro de SteamCom do mundo, para ser incluso no Guinness Book. Vai ser legal, vai ser em agosto. Tem uma coisa bem bacana também, no final do ano, em dezembro, que isso é um trabalho feito pelo pessoal lá da Vila, que é a Feira de Oratórios e Presépios. Isso é um trabalho de alguns moradores, eles que batalham. A Prefeitura incentiva cedendo os espaços. Acho que esse ano é a 11ª. Tem uma questão legal de Paranapiacaba, fora dessa parte histórica, que é a parte natural. Então tem o Parque Nascentes que você tem as trilhas. Eu acho que já fiz todas. O legal é na Trilha do Mirante você vê o litoral, você vê o mar. Nessa última vez que a gente foi não deu para ver porque o tempo não estava muito bom. Só entra com guia autorizado. Antes da prefeitura assumir, as pessoas iam lá e acampavam, faziam fogueiras, o pessoal caçava, até assaltos. Hoje em dia, com esse trabalho da Prefeitura, isso praticamente acabou.

Bheatriz: Se você pudesse fazer alguma coisa para tornar a Vila mais atrativa, no âmbito do turismo, o que você faria?

Marcos: Esse é o desafio para a gente. Não sei como fazer isso além das propostas já criadas.

Bheatriz: A Vila tem algum site só dela?

Marcos: Tem o site da Prefeitura, que sou eu que atualizo. Parece que tem um site, que o pessoal da Vila atualiza, mas é bem precário.

4) Elisangela Oliveira, 44 anos**Moradora de Paranapiacaba, fundadora da ONG Infinito Olhar e empreendedora****Bheatriz:** Como vocês chegaram até Paranapiacaba?**Elisangela:** Desde o princípio?**Bheatriz:** Sim.

Elisangela: Eu conheci Paranapiacaba quando eu era adolescente, eu vim com um grupo de escola para acampar. O trem vinha até aqui ainda e a gente caiu na mata para acampar. Foi uma super aventura porque ninguém tinha barraca e choveu a noite toda, foi uma coisa marcante. Anos depois, quando meu filho já tinha 5 anos, eu queria acampar com ele e aí eu entrei na internet, para ver se tinha algum camping, porque não dava para acampar com ele do jeito que eu tinha ido quando eu era adolescente. E aí eu vi que não tinha camping, que tinham algumas pousadas, que tinha virado um patrimônio histórico, que não podia mais acampar na mata e aí eu me hospedei com ele, fiquei uma semana e fiquei encantada porque quando eu vim para acampar eu não tinha conhecido a Vila, não tinha nada aqui. Eu acho que na época ainda era uma Vila operária. E aí eu conheci a Vila junto com o Caio. Fizemos trilhas, junto com os monitores a gente conheceu os museus e aí eu fiquei encantada, porque era tão próximo de São Paulo e a gente vinha quase todo final de semana. Vinha, se hospedava ou vinha e ia embora no mesmo dia. E aí em uma dessas idas e vindas, eu conheci o Paulinho, que é meu marido hoje, conheci ele aqui. E nós continuávamos vindo para passear e eu sempre tive aquele encantamento de “ai como eu queria morar aqui”. E aí em uma das licitações que abriram, a gente participou, fomos contemplados e a gente conseguiu uma casa ali perto do campo e, nossa ideia desde o princípio era poder ter algum trabalho social aqui. Nós não queríamos vim só para ficar contemplando a natureza, a gente queria poder participar, se envolver com a comunidade. Aí nessa época eu estava fazendo um curso de especialização em arte e terapia e, eu precisava de horas de estágio. E aí eu fiz um projeto junto com o Paulinho de oficinas aqui na Vila, utilizando a fotografia como instrumento arte terapêutico. Aí nós convidamos algumas crianças pelas ruas, conversamos com os pais, e pedimos autorização para a criança poder

participar do projeto. E aí a gente não tinha nem espaço. Nós reunimos as crianças no coreto da praça, foi nosso primeiro encontro, nossas primeiras oficinas aconteceram no coreto. Depois disso, nós conversamos com algumas pessoas da prefeitura, aí ofereceram a biblioteca, alguns encontros foram lá, depois na escola aberta, porque até então nós não morávamos aqui. Nós vínhamos só nos finais de semana e essas oficinas aconteciam nos finais de semana. E foi indo, acabou que terminou minhas horas de estágio, entreguei meu TCC, que foi justamente sobre esse trabalho, mas o trabalho continuou e em um dado momento, nós percebemos que a gente estava mais envolvido aqui com Paranapiacaba do que com as questões lá em São Paulo, estava cada vez mais difícil ir embora. E resolvemos vir de vez, para morar mesmo. E foi muito bacana, porque aí nós percebemos que aumentou o nosso envolvimento com a comunidade, houve uma aceitação maior a partir do momento que você não é mais visto como turista, você faz parte deles, pega a estradinha todo dia, vai no Careca comprar as coisas, você faz parte ali. Aí nós começamos a trabalhar com um grupo de jovens, faz uns 4 anos.

Bheatriz: Faz quanto tempo que vocês moram aqui?

Elisangela: Nós temos a casa há 9 anos e nós estamos morando de verdade vai fazer 6 anos.

Bheatriz: E o espaço Infinito Olhar? Depois que vocês vieram morar, como vocês decidiram criar esse espaço?

Elisangela: Até então, nós não tínhamos um espaço. Uma época nós fizemos uma parceria com uma moça que tinha um ateliê que ela não estava utilizando, então por 6 meses nós utilizamos o espaço dela. Aí em um dado momento, nós falamos “nós precisamos de um espaço”. Nós temos exposições, todo ano tinha uma nova exposição e assim, o grupo produziu bastante porque a gente participava do Revelando São Paulo, que é uma festa tradicional paulista que acontecia em São José dos Campos, na capital, em Atibaia. Então, o Infinito Olhar foi convidado a participar com exposições fotográficas dos jovens, das crianças, aqui de Paranapiacaba. Então, nós tínhamos que produzir, que fazer oficinas, que gerar uma exposição todo ano para participar. Infelizmente, não existe mais o Revelando São Paulo. E nós precisávamos de espaço. Eles montavam exposição, teve uma

exposição que chamou “Mora Gente Aqui”, eles trabalharam nessas caixas de madeira, as caixas representavam as casas que eles moravam e fizeram intervenções fotográficas nas caixas. Cada um com a sua história. Então, a gente precisava de espaço. Foi uma exposição linda.

Bheatriz: Todos esses jovens moram aqui?

Elisangela: Sim, todos eles. E aí a gente resolveu alugar esse espaço. Tentamos lá na Parte Baixa, conversamos com a prefeitura, falamos “olha, nós somos um projeto social”, porque a gente sabe que a prefeitura poderia ajudar projetos sociais de alguma forma, então tantas casas vazias né, ela poderia oferecer uma casa. Só que no momento, nós ainda não éramos uma ONG, então nós não conseguimos. Ai, resolvemos alugar o nosso espaço para ser a sede do Infinito Olhar, para nós fazermos as oficinas e que também fosse um espaço cultural, para exposições. E nós tínhamos só uma lojinha, com camisetas do projeto, ímãs. E as pessoas vinham, olhavam a exposição, perguntavam se tinha café e a gente “não, não tem café”. Não tinha nada para oferecer. Só que isso aconteceu tanto, as pessoas ficavam perguntando tanto, e um dia a gente falou “vamos oferecer café então”. E a gente pensou em uma forma diferente de oferecer o café, uma forma diferente só que o mais simples possível. Foi onde nós começamos a oferecer esse cafezinho coado no coador de pano. Enfim, aí acabou que virou um café também. Então, a gente ainda usa esse espaço para nossas oficinas, para os nossos encontros e, de final de semana a gente abre para o café, o que foi ótimo porque como a gente não tem nenhum patrocínio, por enquanto, é o café que sustenta. Só que agora nós já conseguimos o registro de ONG e estamos trabalhando para conseguir o CNPJ, que é o que falta e vamos ver o que a gente consegue agora. O engraçado é que a gente vai crescendo e os espaços vão ficando pequenos. O que a gente percebe aqui agora? A gente tem um grupo pequeno de jovens e percebemos que muitos moradores passam aqui na frente, olham como ficou isso aqui e não se sentem à vontade. Alguns sim, alguns “nossa, que legal, um espaço que eu vou ser bem atendido”. E a gente trata as pessoas daqui muito bem. Mas, tem alguns que não se sentem tão à vontade.

Bheatriz: Porque você acha que isso acontece?

Elisangela: Bom, começa que nós somos de fora. Nós conquistamos uma grande parte da população, mas nem todos. Tem uns que ainda tem um receio. A gente já ouviu muito isso, que é como se a gente tivesse tirando oportunidade deles, ocupando um espaço que é deles. Então, esses jovens que participam, nós conquistamos, viraram uma família. Só que tem alguns que não chegam até aqui e aí esse espaço ficou todo ambientado, eles se sentem um pouco inibidos. A gente agora sente que tem que ter um, como uma ONG agora, uma casinha que fosse só para eles, que não tivesse o comércio junto, porque acabou que virou um comércio. Não era a ideia inicial.

Bheatriz: Mas a intenção de vocês é continuar com o Café?

Elisangela: É, porque a gente pegou um gosto, a gente começou a pesquisar os cafés, e serve os cafés especiais. Era só um cafezinho no começo, há um ano e meio atrás, era só um cafezinho Três Corações que a gente comprava no mercado e servia aqui. Só que aí as pessoas “ah, mas não tem nenhum bolo?”. Aí eu, que nem gostava, que nem fazia bem bolo, eu falei: “não, vou encarar”. Procurei uma receita bacana de bolo e procurei fazer meu melhor bolo de cenoura. Fiz e aí as pessoas gostaram. Aí começaram: “ah, mas não tem nenhum salgado?”, aí começamos com o pão de queijo e vai indo. Aí meu irmão começou a fazer cerveja artesanal com a água aqui de Paranapiacaba. Aí não tem duas semanas que ofereceram um vinho super bacana para a gente vender aqui, então a gente foi pegando gosto. Aí agora tem bolo vegano, que eu mesmo faço.

Bheatriz: E as pessoas procuram esses produtos né?

Elisangela: Procuram. Aí entrou o frio. Não tinha chocolate quente. Aí começamos a investir em um chocolate, em um choconhaque. Então a gente procura fazer tudo bem feito, tudo com muito carinho. E a gente pegou gosto, a gente não quer desfazer, mas a gente está achando que a gente precisava separar mais, tanto que a gente tinha uma página só no Facebook, que era Infinito Olhar. Aí decidimos separar, o Café Infinito Olhar e a outra página que é do projeto social. Então a gente está sentindo que é natural, você vai crescendo e em algum momento a gente vai precisar, agora como ONG, a gente vai ver o que a gente consegue, uma casinha,

um espaço separado, só para ser a ONG mesmo, para ser separado do Café. E foi assim que tudo foi surgindo.

Bheatriz: Por parte da prefeitura de Santo André, vocês nunca tiveram nenhum incentivo, nenhuma ajuda?

Elisangela: Um pouco, por exemplo, nessa exposição que nós levamos para o Revelando São Paulo em São José dos Campos e na capital. Então, nós precisávamos levar o jovem e levar a exposição, que não foi pequena, eram várias caixas. E aí a prefeitura ofereceu transporte, tanto da exposição como dos jovens e dos moradores para ir lá visitar. Como nós conseguimos o resto de tudo, foi pelo CATARSE e alguns pequenos apoiadores que ajudaram. Como nós não éramos formalizados, até a SOLVE falou, nós só temos 2 mil reais para oferecer e a gente fazia camisetas, tinha 5 mil folders que a gente distribuía durante o evento. Essa exposição também foi depois para o Museu de Santo André, essa exposição rodou bastante. Teve também a exposição “Panos, trilhos e lendas” que também rodou bastante. Então, a gente ia atrás de apoiadores, de quem quisesse ter um nome atrás da camiseta. Foi bem bacana. Agora, esse ano, nós ficamos muito focados na parte mais burocrática mesmo, de oficializar a ONG, porque tudo isso é um custo, é contador, um monte de documentos. Mas, agora já está tudo praticamente encaminhado, CNPJ já saiu, só falta dar entrada na Prefeitura, abrir uma conta bancária. Então, nesse ano nós não conseguimos trabalhar em uma nova exposição, mas, em contrapartida, o Festival de Inverno neste ano vai ser por edital as atrações. Nós estamos participando deste edital com uma ação pela Vila, onde os jovens vão participar, uma ideia deles, dos jovens. A exposição “Casa da Vó” ia para o Museu de Santo André, tinha um cara que ia ampliar as fotos e na hora deu para trás. Porque para ir para o Museu, teria que ser reimpresso em um papel de qualidade, que não é barato, então a gente não conseguiu. Ano passado foi um ano bem difícil. Mas, alguma coisa saiu.

Bheatriz: Então, agora no Festival de Inverno vocês vão ter essa ação?

Elisangela: Uma ação com os jovens, mandamos já a inscrição, entregamos tudo. Agora estamos aguardando, semana que vem deve sair. Tem uma verba de 200 mil reais, e eles vão selecionar os escolhidos, e tudo tem que ser ligado ao patrimônio

de Paranapiacaba, à conservação. Nosso projeto não está muito ligado à produção artística dele, mas está bastante ligado com o envolvimento deles com o patrimônio, com a representatividade deles aqui na Vila. Eles vão dar um aval para o turista. Eles vão ficar aí na Vila, com uma camiseta especial, o turista vai chegar, e eles vão falar “você podem”... A gente vai precisar de bastante gente, os jovens que estão e os que já foram. Um menino que participou do projeto quando era criança, está voltando agora e está dando várias ideias, nos surpreendeu com toda design gráfico que ele fez do projeto. A comunicação visual foi ele que fez.

Bheatriz: Mais ou menos quantos jovens fazem parte do grupo agora?

Elisangela: Por volta de uns 10, que estão envolvidos nesse projeto. Tem uns jovens que foram os cabeças, a Maria, a Joyce, o Caio, e o Matheus. Toda concepção surgiu desses 4 meninos junto com a gente. Depois que viemos morar aqui, conhecemos lugar que só eles sabiam que existia.

Bheatriz: Qual o perfil dos clientes de vocês?

Elisangela: A maioria é turista, mas tem uns moradores que estão tendo o maior prazer de vim, sentar, de ser atendido. Porque a gente já ouviu dos meninos, porque a gente conversa muito com eles, sobre tudo, eles falaram “nós não sentimos à vontade quando a gente senta em um restaurante”, como o bar da Zilda, eles não se sentem tão à vontade, porque eles falaram que dá uma impressão que você está tirando o lugar do turista, que você está ocupando o lugar que podia estar atendendo um turista e, aqui a gente não tem isso. A gente fico muito feliz e atende o morador como se fosse um cliente, um turista. Ontem mesmo vieram duas meninas, que sentaram, que tomaram café, que ficaram um tempão conversando e curtindo. Eles não têm um espaço assim. Se eles quiserem sair para serem bem atendidos, eles têm que ir para fora, então a gente tem um pouquinho desses moradores que estão frequentando aqui. Mas, o público maior são os turistas. Recebemos jovens, tem muita família também, tem muito casal homossexual que a gente tem o símbolo do arco-íris na porta do banheiro, então eles entram e já se sentem à vontade. Tem um público homossexual muito grande aqui.

Bheatriz: A Maria trabalha aqui com vocês?

Elisangela: Ela trabalha aqui com a gente. A Maria ela também faz parte da ONG agora, ela foi vindo. Ela participou desde a primeira oficina e ela foi conquistando a gente. Então ela é nossa parceira, ela não é funcionária, ela é parceira mesmo. Ela reúne o grupinho deles aqui às vezes, ela é super responsável, ela tem as ideias, ela ajuda a gente a construir. Ela é nossa secretária da ONG.

Bheatriz: Você acha que o turismo é o futuro para a Vila?

Elisangela: Olha, eu acho que é. Tem um ano e meio que a gente tem esse espaço aqui e a gente está podendo sentir quem é o público que está frequentando esse espaço aqui: é um público muito interessante. São pessoas cultas, são pessoas viajadas, é um turismo que tem tudo a ver com a Vila, é o turismo que a gente precisa mesmo conquistar, só que a Vila não está preparada para receber esse tipo de turista. Não está preparada mesmo, mas tem muito potencial e, isso eu estou dizendo porque a gente está sentindo. Ontem (feriado) bombou aqui, geralmente depois do almoço que o movimento é maior. Até a gente chamou minha vizinha porque ontem a gente não deu conta. Então a gente acredita nessa potencialidade. Porque se você ver, desde que a gente abriu, até hoje, só teve crescimento.

5) Cibele Paterli, 58 anos**Coordenadora de saúde em Paranapiacaba, filha e neta de ex ferroviários****Bheatriz:** Como começou sua história em Paranapiacaba?**Cibele:** Como funcionária ou a minha vida pessoal?**Bheatriz:** Os dois.

Cibele: Vamos começar como funcionária. Eu sou funcionária da Prefeitura de Santo André, eu prestei o concurso em 1989, faz um tempinho, para a área da saúde mesmo, eu trabalhava lá no Centro Hospitalar, no CHM, lá na Vila Assunção. Fiquei 14 anos lá. Logo que eu entrei, uns dois anos depois exatamente por causa da minha história de vida e não deu certo. Os anos passaram e ficou por isso mesmo. Fiz outras coisas, outras atividades no hospital. E aí um belo dia, em 2003, eu saí do hospital em fevereiro e estava trabalhando lá na Primeiro de Maio com o cartão SUS. Porque o cartão SUS, quando foi implantado, eu estava no hospital, isso em 1995/1996. Aí eu fui para a Primeiro de Maio para trabalhar com isso e uma amiga minha que trabalhava lá foi convidada para ser gerente de saúde em Paranapiacaba. E ela já sabia do meu interesse. Ela virou e perguntou: “Quer ir para lá comigo?”. E fui, em agosto de 2003, para a área da saúde. E era época que tinha a subprefeitura, foi logo depois da compra. A subprefeitura, ela abraçava o todo e, a saúde, apesar da gente ter um Secretário da Saúde, que respondia para a Secretaria da Saúde, mas a nossa gerente acabava fazendo também com o subprefeito, porque ele também queria saber das coisas e tinha o Departamento de Desenvolvimento Social que o diretor era o Moretto. A subprefeitura ajudava muito a gente, em questão de infraestrutura, uma série de coisas, porque era muito precário. Aí eu estava lá há um mês mais ou menos, a secretária da diretora do departamento de Paranapiacaba sofreu um acidente e estava afastada. Como no CHM, entre outras coisas, eu fui secretária da diretoria, aí a gerente falou “a Cibele sabe, ela conhece, então empresta a Cibele para a gente por 30 dias”. Eles tinham acabado de fechar com o Banco do Brasil para fazer as contraprestações das casas da Vila. Então a Cibele foi, a diretora na época era a Silvia Costa, que se eu não me engano está no Museu de Santo André agora. Eu fiquei com medo, porque eu trabalhava na área da saúde, aí você vai para uma subprefeitura que tem projetos de cultura, projetos de esporte e lazer, projetos de turismo, projetos de recursos naturais. Você

está acostumado só com aquilo, porque na saúde a gente sempre tem razão. É um universo completamente diferente. 30 dias? Fiquei lá sete anos.

Bheatriz: E como foi essa experiência?

Cibele: Amei! Se eu pudesse voltar, eu voltaria. Foi um lugar onde eu tive oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas: arquitetos, biólogos, historiadores. Foi um trabalho gratificante. E pela minha história de vida era muito legal porque às vezes eles comentavam alguma coisa e eu tinha como falar “não, não era assim”. Então foram sete anos maravilhosos. Aí depois por causa de governo eu acabei voltando para a saúde, em 2011 e estou até agora. Provavelmente vou ficar mais dois anos que é quando eu me aposento. Então, foi sem querer. Eu fui para Paranapiacaba porque alguém me convidou. No começo tinha uma turma muito legal, porque eles estavam inventando ainda, estavam criando as coisas, a lei ZEIP, toda essa turma estava envolvida. Então é muito gratificante você ver que tem uma lei específica para aquele lugar, que você participou, era um trabalho muito bom, uma equipe muito bacana. Então, por exemplo, agora eu estou na área da saúde, mas eu tinha capacidade de estar fazendo outra coisa. Não estou por causa da política. E aí você cria um vínculo com o lugar. Eu já tinha o vínculo familiar e criei o vínculo profissional. Apesar que a minha visão, assim que eu cheguei lá, eu fiquei muito triste. Porque eu conheci uma outra Vila de Paranapiacaba, uma vila que tinha movimento e hoje a Vila não tem movimento, em todos os sentidos. Eram pessoas que moravam ali que trabalhavam na ferrovia, para morar ali era necessário ser ferroviário, então a vida corria. Tinha mercado, tinha tudo. Hoje não tem uma farmácia, não tem um mercado. A Vila parou no tempo e no espaço, mas um tempo e um espaço ruim. Então, dá medo do futuro daquele lugar. Por exemplo, o turismo lá é turista de um dia. Vai passar o dia e vai embora e, dependendo do que acontecer, não volta nunca mais. A Vila toda é o chamariz, mas ali nada acontece, é estagnado. Você vai durante a semana lá, que é quando eu vou, dá raiva. Quando é julho, é um mês parado porque é férias. Porque durante a semana você só vê aluno, escola, fazendo monitorial ambiental, fazendo trilha e você não vê mais nada. O restaurante só abre porque já fechou pacote com aquela turma de aluno. Eu não sei qual era a intenção do Celso Daniel quando ele comprou a Vila, mas com certeza não era isso que está aí, porque ele tinha uma visão de futuro totalmente diferente.

Muita coisa boa aconteceu, mas eu acho que a Prefeitura errou muito. Ela deu muito e não cobrou nada. Ela deu muito formação, ela deu educação ambiental, monitoria cultural. O SEBRAE estava toda hora lá, a Vigilância Sanitária dando uns toques para os empreendedores. Se investiu muito naquelas pessoas, mas na hora ela esqueceu de cobrar, afinal de contas, aquilo é propriedade dela. Então, a Prefeitura pecou muito nisso. Uma coisa que poderia ter se resolvido, já se vão 15 anos, os moradores ali não pagam energia elétrica, quem paga são os moradores de Santo André. Já era para ter resolvido isso. Quando eu voltei para trabalhar em Paranapiacaba eu tive um choque porque quando eu saí de lá, ninguém tinha carro. Quando eu voltei, um monte de morador com carro. No começo eram necessárias essas medidas, como não pagar a energia, mas a Prefeitura tinha que rever esses valores e cobrar. Ninguém obrigou ninguém a morar em Paranapiacaba, as pessoas foram para lá por algum motivo, mas foram por vontade própria. A ZEIP é quase que perfeita, só precisa regulamentar algumas coisas. É só colocar para funcionar. O poder público tem todos os instrumentos, é só fazer. Infelizmente, isso acontece pontualmente em algumas coisas. Mas assim, de interferência mesmo, não. Eu pensei que com o PAC fosse dar uma sacudida, mas como trocou a gestão...sempre aquele problema de troca de gestão. Essa turma que está em Paranapiacaba agora são pessoas de boa vontade, não são pessoas de má fé, pelo menos as pessoas que eu conheci, só que é um pessoal despreparado e não tem o conhecimento. Quem tem o conhecimento são aqueles funcionários que são os concursados, que estão lá há muito tempo. Moretto, Suzana, Silvia, são pessoas que se debruçaram sobre Paranapiacaba, fizeram pesquisas, foram atrás, conversaram. Gastaram anos das vidas fazendo isso.

Bheatriz: E em relação à sua vida pessoal com Paranapiacaba?

Cibele: Minha família é toda de Paranapiacaba. Meu bisavô veio da Itália, em meados de 1901 para trabalhar na SPR (São Paulo Railway). Ele veio direto para trabalhar, ele era canteiro, ele fazia cantaria. Canteiro é aquele profissional que coloca aquelas pedras sobre pedras. Meu bisavô fazia isso. Ele não voltou para a Itália, ficou na Vila, em 1911 ele comprou a casinha no Rabique, que está na família até hoje. Meu pai que cuida. O documento da casa não tem valor no cartório, mas tem um valor histórico, que é a compra e venda do terreno, tem toda a descrição,

aquelas letras diferentes. É um pedaço de chão que hoje não é nada, mas amanhã a gente não sabe. E nesse meio tempo de 1911 a 2017, o meu avô nasceu lá em 1909, na Vila mesmo. Ele dizia para mim que ele nasceu onde hoje é a Casa Fox. Meu avô casou, ele era ferroviário, ele começou como limpador de loco breque, depois ele foi foguista, depois maquinista, que foi como ele se aposentou. E aí ele casou e foi morar nos patamares, na serra, tanto que a minha tia, irmã do meu pai, nasceu no primeiro patamar. O meu pai nasceu no morro, na parte Alta. Depois eles mudaram para o terceiro patamar e depois disso eles foram para a Vila. A minha avó é daqui de Ribeirão Pires, porque em Paranapiacaba todo mundo é parente de todo mundo. A minha avó e todas as irmãs se casaram com ferroviários, todos de Paranapiacaba. Então acabou a família ficando. Meu pai e minha tia nasceram lá. Eles saíram da Vila em 1958, que foi quando meu avô se aposentou, então era obrigatório a saída. Você saía da Vila ou por ser mandado embora ou pela aposentadoria. Meu pai não é ferroviário, ele e mais três primos não são ferroviários. Mas antes de trabalhar na indústria automobilística, meu pai trabalhou na SOLVE, onde ele conheceu minha mãe, que era secretária lá. A minha família, por parte de mãe, é toda de São Caetano. Eu sou a única da família que não nasci em Paranapiacaba, nasci aqui em Ribeirão Pires. Fui a única que nunca morou em Paranapiacaba, só que eu estava sempre lá, porque estavam todos lá. Meu último primo que saiu de lá foi em 1985, ele era chefe da mecânica. Então, eu passei minha infância toda em Paranapiacaba e boa parte da minha adolescência. Por isso que eu te falo, que eu fiquei muito triste quando eu voltei, porque eu conheci uma outra Paranapiacaba. As coisas funcionavam, as casas eram muito bem cuidadas. Quando eu cheguei lá eu vi aquilo tudo degradado. O primeiro dia que eu cheguei lá eu chorei, porque eu fiquei 15 anos sem aparecer lá. Porque às vezes eu ia até o Rabique levar meu avô, minha avó, porque o Rabique é uma vilazinha antes de chegar em Paranapiacaba. Eu ia até o Rabique e voltava para trás. Ou eu ia até o cemitério, que a minha bisavó está enterrada lá, eu não ia nem até a ponta para ver. Eu não ia olhar porque eu já sabia que a coisa não estava legal, sempre via matérias nos jornais. E tinha a questão dos borrachudos, que era insuportável.

Bheatriz: É verdade mesmo isso?

Cibele: Hoje não tem. Eu acho que os borrachudos começaram a aparecer em um período do final da década de 70, por causa da Cozipa lá embaixo, que devastou a Mata Atlântica e aqueles morros ficaram pelados, que acabou tudo, eu acho que foi aí que começou. Mesmo lá no Rabique tinha. Era uma loucura. Logo que eu fui para trabalhar lá, em 2003, ainda tinha. A gente vivia a base de repelente. Depois começou a diminuir. Meu pai sempre comentava que na época da SPR, quando o trem de passageiros chegava lá embaixo, eles pulverizavam veneno, como se fosse dedetizar, exatamente para não trazer bicho para o ABC, para São Paulo. Eles jogavam até nas nascentes. Meu vínculo com Paranapiacaba é esse, de ver aquilo funcionando. O trem... Quantas vezes eu não fui de trem pra lá. Tinha o trem que parava lá e o trem que ia até Santos. Para Santos eu cheguei a ir umas duas vezes só, eu era criança. Mas para Paranapiacaba, durante a semana se eu ia com a minha mãe, a gente ia de trem, porque meu pai estava trabalhando com o carro. Dependendo do horário que a gente pegasse o trem ainda tinha uma parada na SOLVE, que eu amava, eu achava um máximo. Eu tinha tios que trabalhavam na SOLVE e moravam na Vila dentro da fábrica. Hoje não existe mais nada. Mas tinha uma vila ali. Muita gente que era de Paranapiacaba que casavam e moravam na vilinha da SOLVE, então eu tinha dois tios que moravam lá. A gente ia visitá-los, então o trem parava ali. Tinha um ônibus que levava a gente da estação até a vila, passando dentro da fábrica. Eu achava o máximo. E a estação era só uma parada, então só tinha plataforma de um lado, era uma plataforma estreita e curta, que era só para os funcionários mesmo e moradores da vilinha. Então, eu vivia em Paranapiacaba. Eu brincava, eu corri todas aquelas ruas. Hoje, eu tenho pavor de mato, mas quando eu era criança a gente andava demais naquele mato. Hoje, precisa de monitor, tudo né, mas a gente era livre, então a gente andava muito ali. A gente aprontava muito. Brincadeira de esconde-esconde quando ia para lá era um saco, porque a brincadeira demorava umas duas horas para terminar. Quando não tinha neblina, era quando a gente se escondia, porque quando tinha neblina a gente nem precisava se esconder. Eu sou da época que a gente cortava a neblina com faca, que nem desenho animado. Era tipo isso, porque era muito densa. Você não via ninguém, você não enxergava. Quando não tinha neblina, você tinha a Vila inteira para se esconder. Os meus primos, os maiores, eles iam para a parte Alta, no morro. Quem vai achar alguém no morro? Meu primo morava ali na rua do Clube Lyra Serrano. Eu não vejo as crianças brincando na rua em Paranapiacaba. Isso é

grave, porque é um lugar que você ainda tem o privilégio de andar numa boa, de poder brincar na rua. Eu não vejo isso nem nas férias. O máximo que elas vão é ali no parquinho que tem no coreto, fora isso não tem. Isso me entristece porque está se perdendo uma oportunidade. Se perder a oportunidade de criar um adulto melhor. A minha formação, apesar de eu não a exercer, mas eu fiz Pedagogia na Metodista.

Bheatriz: Você nunca quis exercer?

Cibele: Eu exerci um ano só. Depois eu percebi que a sala de aula não é para mim. Eu tive que terminar porque senão meu pai me matava. Então, talvez por causa da minha formação, está se perdendo uma oportunidade maravilhosa ali, porque a brincadeira cria um adulto melhor. Você tem que ter estratégia, disciplina e tudo brincando e, com essas coisas da infância que você se torna um bom adulto. Isso me entristece, porque lá você tem tudo para dar certo e não dá. Outra coisa que eu sinto bastante diferença da época que eu frequentava Paranapiacaba quando era criança/adolescente é que as pessoas que moram lá hoje, tirando umas quatro, cinco famílias que são descendentes de ferroviários, o resto não, as pessoas não têm vínculo com aquele lugar. Eu sempre falei isso, inclusive para eles e falo até hoje. Eles não se apropriaram da vida e, se apropriar da Vila não é falar “a casa é minha”, é se apropriar da memória da Vila, da identidade da Vila e, isso, eles não fizeram até hoje. Você chegar em uma Vila, às 10h da manhã e todas as janelas fechadas, de todas as casas, não é normal. Eu vejo pelo meu trabalho, as pessoas começam a chegar no Pronto Atendimento depois das 10h da manhã. Tem alguns que se apropriaram sim, os monitores por exemplo. Mas 90% dos moradores não se apropriam. Ainda criticam a Prefeitura quando ela não faz, mas eles não colaboram, não fazem a parte deles. O governo ainda é muito paternalista, em vez de ensinar a pescar, já dá o peixe.

Bheatriz: Para você, o turismo é o futuro da Vila?

Cibele: Com certeza. É o único caminho, porque apesar de ter uma memória ferroviária, aquilo nunca mais vai voltar a ser da ferrovia. A única saída é o turismo, um turismo voltado para a memória ferroviária, mas é turismo. Agregar outros valores, não é viver no passado, mas é aproveitar esse passado para construir o futuro. Você agrega outros valores, as pessoas que moram lá agora são outras

peessoas, que não tem a ver com a ferrovia, mas tem que continuar a sensibilização dessas pessoas, para que elas se apropriem dessa memória ferroviária porque uma coisa é certa. A maioria das pessoas que podem contar a história de Paranapiacaba estão morrendo porque estão envelhecendo. Então, é a chance. Ou você aproveita agora ou não vai ter mais. Outras coisas você encontra em livros, mas outras não. O modo de vida daquele lugar, as regras que existiam. Por exemplo meu pai, meu pai tem 79 anos, a minha tia, tem 80, os meus primos que moraram lá, da época do meu pai, todos têm mais de 70 anos. As pessoas que estão lá, seja porque trabalham ou seja os moradores, estão perdendo a grande chance. Porque vai chegar um momento que vai ser contado a história da história, porque eu vou repassar aquilo que me foi contado. Eu já propus várias vezes de juntar muitos antigos moradores aqui, para contar a verdadeira história para quem vive lá agora, mas ficou por isso mesmo. As pessoas que ainda estão vivas são da época do meu pai, do meu avô já não tem mais ninguém, o ano passado faleceu o último. As pessoas que ainda estão vivas são pessoas que a gente continua tendo contato desde aquela época. Eu sei algumas coisas de Paranapiacaba que eu não vivi porque o meu avô sempre falava de lá e eu, desde criança, adora ouvir ele falar de lá. Era aquela coisa de ficar sentada no chão ouvindo. Meu avô e meu pai são da época ainda da SPR, que não tinha governo federal envolvido, as coisas andavam. Era muito sofrido, as coisas eram difíceis, mas era um outro modo de vida. A história das pessoas, da vida, da estrada, de como as coisas funcionavam, a responsabilidade dos funcionários, porque não era fácil fazer uma estrada de ferro funcionar. Não era fácil você viver em lugar úmido, com neblina, o perigo daqueles cabos de aço. Por mais que a pessoa fosse responsável aconteciam muitos acidentes. No meio daquela neblina você ouve um trem chegando, você não sabe da onde vem. Você não tinha as facilidades, a tecnologia de hoje, mas eu acho que as coisas funcionavam melhor. Meu pai sempre comenta que quando ele ia para São Paulo de trem naquela época, ele sujava o sapato de barro, porque as ruas não tinham calçamento. Em Paranapiacaba ele nunca sujou o pé, não era calçamento, eles usavam o pó do carvão mineral, usado nas máquinas. Eles colocavam esse pó na rua e ele ficava como se fosse um asfalto. Aí eu já peguei a época do paralelepípedo lá. Em Paranapiacaba tinha energia elétrica e em São Paulo ainda era lampião. O projeto da construção da Vila, para a época, era perfeito. As vielas sanitárias... em São Paulo era esgoto a céu aberto. Tudo era muito sincronizado. Às vezes eu acho que

se deu um turismo para a Vila, eu fico muito brava, essa coisa de fantasma, da noiva, do fantasma do castelinho, dos escravos que estão enterrados nas paredes dos túneis. Nunca trabalhou escravo em Paranapiacaba. Meu avô fez aquelas paredes. Aí uma moradora lá da Vila inventou essas coisas e tomaram como verdade, como uma historinha legal. Morreu gente na construção? É claro que morreu, mas não escravos. Eu acho que esse lado bizarro do turismo não é importante, o que importante é a história de fato. Muito disso por causa da mídia mesmo, para vender aquilo. A Vila não é uma vila fantasma, tem gente morando ali, sempre teve. Sempre teve vida ali.

Bheatriz: Quando o seu pai voltou pela primeira vez lá depois de tanto tempo, como ele ficou?

Cibele: Muito triste. Porque a gente passa pelas ruas e lembra de muita coisa. Você olha para as casas, você vê um monte de coisa.

6) Silvia Passarelli, 53 anos

Arquiteta na Prefeitura de Santo André e membro do CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico)

Bheatriz: Como começou sua história com Paranapiacaba?

Silvia: Na realidade, começou na faculdade. Eu fiz Arquitetura e Urbanismo na USP. Acho que a maioria dos cursos de arquitetura da região metropolitana de São Paulo acaba fazendo um trabalho com Paranapiacaba e a gente fez um também. Eu tive a oportunidade de conhecer o Octaviano Gaiarsa, que era um importante guardador de acervos, ele era médico, mas ele fotografou muito Paranapiacaba, fotografou Santo André, escreveu livros sobre a história de Santo André. Então, era um cara que guardava recorte de jornal, era um guardador, era uma pessoa que ficava guardando. Eu tive contato com esse acervo dele, tive contato com as fotos que ele produziu ao longo do tempo sobre Santo André inteiro e sobre Paranapiacaba e, fizemos um trabalho muito simples da Vila e esqueci. Daí, quando eu entrei na prefeitura de Santo André, em 1985, eu comecei a trabalhar mais firmemente de retomar esse material que eu tinha coletado com o doutor Gaiarsa. Então, a partir disso, eu comecei a trabalhar mais diretamente, um pouco pela questão profissional, eu tinha que estar em Paranapiacaba dando respostas às questões de planejamento urbano e, de outro lado, por conta dessa veia pesquisadora que a gente tem, então eu comecei a trabalhar com pesquisa histórica, levantar dados, trabalhar junto com o pessoal do CONDEPHAAT para fazer levantamentos e daí foi até hoje.

Bheatriz: Não sei se você lembra da publicação do livro “Caminho do Café - Paranapiacaba: Museu esquecido” em 2003, organizado pela Cremilda Medina. Nesse livro, tem algumas entrevistas suas. O que você acha que mudou desde o ano que esse livro foi publicado?

Silvia: Lembro sim. Nossa, mudou muita coisa.

Bheatriz: Para melhor ou para pior?

Silvia: Para melhor e para pior. O que nós tínhamos naquele momento? Eu tinha uma Vila bastante desarticulada, sem nenhuma relação com o poder público, com estrutura, a propriedade era da Rede Ferroviária, mas a Rede estava desativando,

então já desde a década de 90 a Rede pouco fazia em Paranapiacaba. Os boatos de venda, uma população completamente desarticulada, poucos ex ferroviários e muita gente nova que estava sendo gerido por autoridades locais e não pela Rede, porque ninguém sabe quem era. Então, eu tinha uma população bastante desarticulada. Hoje, ela continua desarticulada, é verdade, mas eu já tenho alguns núcleos de organização e uma perspectiva de Vila que é a questão do turismo. Só que uma perspectiva que ainda não se realizou, uma perspectiva que ainda está distante por conta de vontades porque avança um passo, retrocede um passo. A gente não tem ainda um plano de gestão apropriado pela população e que se mantenha cada mudança de gestão. Pela reforma administrativa que foi apresentada, a Vila está abandonada, não tem ninguém cuidando dela e isso é muito perigoso, porque eu tiro de novo o poder municipal da Vila e fica um monte de gente tentando se virar. Então, hoje eu estou em um processo de retrocesso que pode mudar a semana que vem, que vai ter uma inauguração lá e o prefeito perceber que ele fez besteira com a reforma administrativa. Então, realmente é uma coisa que vai para frente e para trás, ainda não deu a engatada para frente.

Bheatriz: O que, na sua opinião, falta para isso?

Silvia: Primeiro, falta uma relação mais coesa da Prefeitura enquanto Prefeitura. Não adianta eu falar que vai ter uma Secretaria lá que vai cuidar de tudo porque não vai, ela vai depender de outras Secretarias. Então, eu preciso de uma articulação, de um projeto para Paranapiacaba, um projeto que a Prefeitura como um todo, assuma. Isso não tem, esse projeto não existe. A outra coisa que falta é uma relação da população de Paranapiacaba a se integrar a um projeto que não existe. Então eu fiquei sabendo que agora que estão tentando articular a população. O Eduardo Pin, a Zélia, estão tentando organizar algumas reuniões que é muito complicado lá em Paranapiacaba. As pessoas se amam e se odeiam ao mesmo tempo. Não querem aceitar a liderança desse, então vão boicotar mesmo que a ideia seja boa, então precisa fazer essa articulação da população e aí, eu preciso de alguém de fora para ajudar a organizar. Esse alguém de fora o ideal seria a Prefeitura. Não na posição de mando, de proprietário, que é o que aconteceu até agora. Antes era a Rede. Na posição de fazer um projeto conjunto, que nunca se tentou, que não foi feito ainda. Seria uma boa tentativa.

Bheatriz: Então, o turismo é o futuro para a Vila?

Silvia: Sim, não tem outro. Acontece que o turismo, enquanto futuro desejável, precisa de acessibilidade e a Vila não tem. Eu preciso garantir um turismo com trem. Então, um dos caminhos importantes seria a volta do trem. Não em uma discussão de gabinete, o prefeito conversa com governador, o governador conversa com o prefeito. Não, eu preciso articular a população, eu preciso fazer uma articulação maior que o gabinete, senão não sai trem nenhum, só sai tapinha nas costas. É horrível não ter o trem lá. Eu reduzi drasticamente minhas idas a Paranapiacaba. É possível ir de carro, mas não é a mesma coisa, não é divertido. Sabe, o grande lance é ir para uma vila ferroviária de trem. Então, a volta do trem é uma coisa essencial para garantir esse turismo. Trem de meia em meia hora? Não, não precisa. Pode ser um projeto igual tem Francisco Morato-Jundiaí. Pode ser a cada duas horas que vai atender tanto a população de lá, e aí eu consigo qualificar a população de lá, que não vira o fim da linha, mas sim uma coisa mais próxima da cidade, ela tem melhores recursos, então é mais interessante morar em Paranapiacaba, eles podem estudar e, do outro lado, eu posso ter o turismo. Que é um turismo que não depende de ônibus.

Bheatriz: Além do transporte e acessibilidade, falta estrutura da Vila em si para receber esses turistas?

Silvia: Mas aí essa estrutura vai vim. Essa estrutura vai vim porque tem o turista. Hoje, do jeito que está, quem vai investir em melhorias se eu só atendo de sábado e domingo? Não tem porque investir. A pessoa vai melhorar a hospedagem, a alimentação, banheiro, se tiver demanda. Não tem. Colocam um monte de banheiros químicos para o Festival de Inverno e depois tiram. Tem um foco muito grande no Festival de Inverno, é importante, dá visibilidade, mas tem que continuar. Uma coisa por ano não resolve. Mesmo eu tendo o Festival do Cambuci, o Festival de Inverno, tem um monte de festival. E o cotidiano da Vila? Onde fica? Como é que eu trabalho com essa população que mora lá para ela ter condições de sobrevivência lá dentro?

Bheatriz: Porque você acha que os turistas olham a Vila como uma vila fantasma?

Silvia: Então, tem isso. O turismo acha que é uma Vila fantasma, que ninguém mora lá. Então que ele pode fazer o que ele bem entende e não pode. Aquilo é uma vila residencial. Daí o turista chega, o morador fica tão incomodado, que parece que é uma vila fantasma mesmo. Então, são várias coisas que incomodam e que precisa de fazer uma harmonia. Incentivar turistas e moradores, mostrando que um pode agregar ao outro. O mediador que vai fazer essa relação tem que ser muito presente, senão as coisas podem se perder fácil.

Bheatriz: Para você, qual a importância da Vila como um patrimônio histórico e cultural?

Silvia: Então, ela é importante por ser patrimônio porque ela tem uma importância. Primeiro, que a Vila representa o apogeu da questão do transporte ferroviário, ela traz muito dessa memória do transporte ferroviário mesmo que essa memória esteja escondida. Então eu tenho lá tecnologias de tração que são extremamente importantes e que contam a história do desenvolvimento do Estado, então ela tem essa importância histórica muito grande ligada aos transportes. E ela tem essa importância de ser uma Vila industrial, de ter essa coisa do morar e trabalhar, que é uma coisa que não foi desenvolvida no Brasil e que eu tenho raros exemplos dessa relação forte entre indústria e moradia. Apesar de ter muita indústria no ABC eu tenho poucas vilas operárias. Essa relação de trabalhador-trabalho, empregador-empregado, isso lá dentro da Vila é muito importante. E aí uma coisa que é cara para nós arquitetos é o desenho daquela Vila porque ela vai trazer conceitos importantes do século XIX: como se deve abrigar um operário que não existia no restante do Brasil. As questões de saneamento, de proteção de incêndio, de organização do território, de cada um ter a sua casa, mas ao mesmo tempo as casas são geminadas. Da Vila não mostrar essa diferença entre trabalhadores, embora com lupa você consiga ver que tem a casa maior, a casa menor. Essas coisas são muito interessantes. Parece que é tudo igual, mas elas são bem diferentes. Então eu tenho essa relação de trabalho-moradia, moradia-padrão de empregado e essa questão do saneamento que é muito forte, de ter essa estrutura. Uma Vila que tem escola, que tem clube, que tem água e esgoto. Naquela época, isso é surpreendente. Já moraram três mil pessoas, já foi maior. Agora são 950 habitantes. Isso é grave, precisa de uma ação urgente, senão eu vou ter uma Vila abandonada. Se já está diminuindo a ponto de eu não ter mil pessoas morando lá, significa que

aquela Vila não tem mais atrativo nenhum para moradia e isso é muito grave em relação à preservação do patrimônio. Então, se eu pensar na questão de preservação e que aquilo é uma Vila, eu preciso garantir a habitabilidade daquele lugar. E aí o patrimônio precisa pensar o que é morar hoje. E daí vem a questão séria dos restauros que estão sendo feitos lá que estão para garantir a pureza do local tirando os banheiros de dentro das casas e, ninguém mais mora com banheiro no fundo. Se morava no século XIX é porque não tinha tecnologia. Hoje tem. Então, a própria ação de restauro, os projetos de restauro que estão sendo feitos vão tornar a Vila um local impróprio para moradia. Isso, os conselhos estão discutindo, pelo menos dentro do CONDEPHAAT nós estamos tentando fazer essa discussão. Mas não tem ninguém que apresente qual é o plano de preservação da Vila, a Prefeitura não tem esse plano. A Prefeitura tem o recurso do PAC, mas não tem o plano. Então, com o recurso e sem plano eles estão fazendo uma obra atrás da outra. O que é mais fácil? Voltar ao que era antes, e isso significa colocar o banheiro no fundo do quintal. Faz sentido para o comércio, mas eu não posso fazer um monte de comércio que não tem público para isso. E daí acaba reduzindo ainda mais a população que mora lá. Então, tem umas coisas equivocadas. A própria ZEIP é equivocada para Paranapiacaba, porque ela cria um zoneamento. Aqui é a área de comércio, aqui é residência, aqui é área de turismo, não tem isso na Vila. Eu não posso criar esses vazios, eu vou criar espaços que durante a semana não tem ninguém. Se não tem ninguém tem assalto, tem depredação. Para preservar, eu preciso ter gente morando lá. Então são coisas que a Prefeitura tem que dar conta de responder e não está conseguindo.

Bheatriz: Então esses restauros estão sendo discutidos?

Silvia: Esses restauros estão sendo mostrados parte por parte dentro dos conselhos. Eu não sei qual é a dinâmica que está sendo feita dentro dos outros conselhos, mas desde o começo do ano passado eu estou no Conselho de Preservação do município de Santo André e toda vez que aparece um projeto a gente questiona. Só que tem uma pressão política junto. “Olha gente, tem que aprovar isso porque o dinheiro está saindo, tem que começar a obra”.

Bheatriz: Mas esse dinheiro já não veio?

Silvia: Não, o dinheiro não vem todo. Ele vem em parcelas, por obra. Então, já foi aprovado um lote de casas de madeira onde todos eles repetiam o modelo do final do século XIX, começo do século XX, com o banheiro lá no fundo, “a pureza da Vila”. Como vai se habitar em um local assim? Então, desde o ano passado, estamos pedindo para alguém apresentar o plano geral de uso da Vila e nada. Nós já pedimos duas vezes para esse governo novo e nada. Vamos ver sábado agora que tem uma inauguração se a gente pede de novo.

Bheatriz: Na sua vivência dentro do conselho, esse novo governo é inexperiente?

Silvia: A reforma administrativa já mostra que eles não entenderam muito bem o que é Paranapiacaba e qual é a importância dela porque jogou tudo dentro de uma Secretaria do Verde, diminuiu o poder de comando lá em Paranapiacaba. Está sem chefia, se está sem chefia é porque não tem diretoria. Isso está claro. Em uma Secretaria que é frágil. Ela é nova, pegou um pedacinho de cada antiga Secretaria para montar uma outra. Então, não existe equipe e ainda não se deu resposta. Eu estive em Paranapiacaba um dia e um cara disse “eu não sei onde fica o meu chefe, eu não sei onde ele está trabalhando”. E quando você não sabe nem onde está seu chefe, você não tem chefe. Você trabalha porque você gosta, por amor e esse amor acaba também, não é eterno. E a própria população de Paranapiacaba, com quem ela vai dialogar? Não tem uma liderança lá dentro. Essa reforma administrativa representou um atraso de muitos anos porque a gente tinha dentro da Vila um coordenador, um representante político, uma pessoa que falasse direto com o prefeito. Hoje não tem. Hoje, esse passo que foi dado com essa reforma, significou voltar para trás do que era na década de 90, que a Vila não tem ninguém. Uma coisa que é claro é que essa Prefeitura não tem quadros. Todos os secretários são vereadores, com exceção da Secretaria de Educação. Quem é o corpo técnico? Quem vai fazer a discussão técnica? Não é só uma discussão política que deve ser feita dentro do gabinete do prefeito. Está muito frágil. Ainda a Prefeitura não mostrou a que veio. Eu não tenho uma proposta claramente definida. O que dá medo.

Bheatriz: Na outra gestão tinha um representante na Vila?

Silvia: Tinha, tinha uma subprefeitura onde você podia questionar várias coisas. Tinha um diretor trabalhando lá, o subprefeito às vezes estava lá. Então, muda tudo. Tem quem fale em nome do prefeito. Precisa disso.

Bheatriz: Você acha que essa tentativa do Eduardo e da Zélia de reunir os moradores em reuniões é para ser uma voz por eles?

Silvia: Claro, é para falar por eles, precisa dessa articulação. E não é a ideia de que é uma voz que vai falar por todos os moradores, mas é um canal de participação onde pega o anseio da população e tenta discutir publicamente. A Vila de Paranapiacaba sempre trabalhou no limiar do medo. O contrato que eles têm de “aluguel” é horrível, a Prefeitura pode romper a qualquer momento. Eles têm medo de falar e isso vem de uma história de muito lá trás. O contrato que eles tinham com a Rede, eles podiam perder o emprego, se perde o emprego perde a casa, perde as relações construídas lá. Então, desde a época da ferrovia eu tinha uma relação de medo muito forte. O Foucault trabalha muito essa questão do vigiar e punir. Então é essa relação que sempre se manteve em Paranapiacaba, o próprio panóptico de lá traz essa imagem: o castelinho onde morava o superintendente vigiando a todos. Eu lembro que uma vez eu conversei com um antigo maquinista e ele falou: “não, a gente não podia atrasar porque o inglês lá de cima via tudo”. Via nada, ele tinha relógio, coisa que o trabalhador não tinha. Mas o panóptico foi feito para dar essa impressão de que ele via tudo. Então essa relação forte com o trem, com a ferrovia, com o barulho, isso se mantém. Mesmo eu não tendo o trabalhador ferroviário lá eu mantenho essa ideia do trem, os sons. Se eu ficar de olho fechado lá eu escuto o barulho de trem, o apito, eu escuto várias coisas que me remetem ao trem, então isso podia ser trabalhado como um objeto turístico. Nunca foi. A Prefeitura, em toda sua ação de turismo, nunca olhou a ferrovia. Então a ferrovia não foi tratada ainda como um objeto de turismo. Sim, existe um conflito entre a Prefeitura e a BPF, que cuida do Museu Ferroviário. Pode ter todos os conflitos do mundo, mas a gente não assiste nenhuma ação de tratar aquilo lá enquanto Museu Ferroviário. E daí a gente já perdeu muito objeto importante lá, perdeu por roubo, por descuido, pelas pessoas que estão lá não saberem qual é o valor, por uma ação louca que a BPF fez de fazer troca de documento, então tira esse objeto que está aqui e doa para outro Museu e pega outra coisa. Aí você entra lá e vê uma chaleira velha, uma máquina de costura,

uma máquina de escrever e o Museu não tem nenhuma lógica, nenhum sentido. Virou um nada. Você não precisa ir de novo porque você sabe que vai ter os mesmos objetos daqui seis meses. E a prefeitura que poderia ter uma ação direta nisso, nunca teve.

Bheatriz: Você também acha que os moradores da Vila não sabem a importância do lugar em que vivem?

Silvia: Não, não tem. Tanto a Prefeitura quanto os moradores. Se eu pegar a propaganda que a Prefeitura fez durante os últimos dez anos, a gente vai ver que é uma propaganda que não fala da vila ferroviária, fala da vila inglesa. Tudo bem, a ferrovia foi construída pelos ingleses, mas aquilo não é uma vila inglesa, é uma vila de operários, é uma vila ferroviária. E como o trem não é valorizado, você vai lá e fala: “não, os ingleses não são isso aqui”. Propaganda enganosa. Então, a Prefeitura sempre agiu de uma forma estranha, ela não entendeu. A ideia do Festival de Inverno é uma ideia interessante para atrair, mas ela atrai um público e não prepara esse público. É um público que vai lá ver show. Não sei o que está prometido para esse ano.

Bheatriz: Porque a arquitetura da Vila é tão importante para vocês que estudam isso?

Silvia: Para mim a arquitetura não é tão importante quanto o urbanismo, o projeto urbano. Eu tenho lá, claramente, uma história da ocupação. Eu tenho a ideia da vila desorganizada, aquela coisa da vila velha em torno da rua direita, o nome da rua direita que é um nome tipicamente português. A rua que vai diretamente à um determinado local, a rua que vai diretamente à estação. Então, eu tenho essa coisa com formação meio aleatória em volta da rua direita. Eu tenho um padrão de ocupação do período colonial, que são aquelas ruas acompanhando a curva de nível, tudo enfileirado ocupando assim. Eu vejo aquilo em Ouro Preto e em vários outros locais. E eu tenho a Vila nova que é a vila planejada, que é a proposta de evolução industrial. É a proposta que, no começo do século XIX, na Inglaterra, já se fazia, que é a proposta dos urbanistas utópicos de organizar territórios, então eu tenho lá esses três padrões de urbanismo. A arquitetura lá, eu acho que precisa ser estudada mais a fundo, principalmente em nível de quais os modelos foram

adotados. Porque pós Revolução Industrial começou a se implantar vários manuais: manual de construção de estação, manual de construção de habitação. E pelas plantas você vê que isso saiu de algum manual. Seria interessante buscar esse manual, tentar localizar, pode ser de um monte de lugar. As estações se repetem, que é aquela coisa da industrialização da construção, que é muito forte, coisa de padronagem, de repetir modelo, que é importante e que representa um grande passo da arquitetura mundial. Mesmo com materiais fáceis de se encontrar, que é o caso da madeira, mas isso já me traz a ideia da pré-fabricação. Eu tenho lá uma história de arquitetura para se conhecer, mas o que me agrada mesmo é a tecnologia ferroviária. Isso que me deixa fascinada por aquele lugar, embora esteja bem escondida no meio do mato. Eu acho que a ideia de buscar o trem turístico lá naquele trecho, é muito mais interessante do que ter feito aqueles 500 metros que aquele trenzinho anda. Aquilo é bonitinho mais é pouco. A gente precisa levar esse trem até aquela boca do funil que cai. A minha ideia é de chegar ao quarto patamar. Meu sonho de consumo é ter trem até o quarto patamar. Dizem que não dá, mas tudo se conserta. Se foi possível fazer no século XIX, é possível fazer no século XXI. É caro sim, ninguém disse que é barato, mas aí tem um objeto turístico superinteressante e que é o objeto de tombamento do IPHAN. O IPHAN discutiu no tombamento a questão da memória ferroviária que traz junto uma vila.

Bheatriz: Você acha que vai acontecer? Você acha que o trem vai voltar a funcionar?

Silvia: Bom, se o trem chegar até Paranapiacaba eu já fico muito feliz. Mas... é muito difícil. É difícil porque eu preciso de uma gestão para lutar a respeito disso e, a gente está vendo que nos próximos dez anos, o Brasil não vai ter dinheiro para isso. Mas é possível tratar aquilo como um objeto turístico, como um objeto de memória, de memória ferroviária e não deixar do jeito que está. Eu preciso de uma intervenção naquele Museu urgente. Preciso definir quem trabalha nesse Museu e como trabalha. Não são os R\$3,00 que a gente paga na entrada que vai manter aquilo. Então, a BPF que me desculpe, mas se continuar nisso, a gente vai perder tudo. Existe um processo dentro do Ministério Público discutindo aquilo, mas precisa ter resposta urgente para a sociedade civil sobre o que vai ser feito daquilo. Do jeito que está, a ferrovia não é tratada como objeto turístico.

7) Marco Moretto, 48 anos

Diretor de Projetos Especiais e Planejamento na Secretaria de Cultura de Santo André. Atua diretamente em Paranapiacaba há 16 anos.

Bheatriz: Como começou a sua história com Paranapiacaba?

Moretto: Bom, é longa. Eu também sou formado em Comunicação. Eu já tinha, antes da faculdade, ido em Paranapiacaba várias vezes, durante o período de faculdade eu fui por conta das matérias mesmo, para fotos, acabamos indo bastante para lá e desde essa época eu tinha um certo encantamento pelo local. Aí eu entrei na Prefeitura em 90, era funcionário do departamento de cultura, agente cultural, a gente chegou a fazer vários eventos em Paranapiacaba, mas nada contínuo. Em 2000, quando foi criada a Subprefeitura, aí eu fui para Paranapiacaba, trabalhar especificamente como gerente de cultura, esporte e lazer. Fiquei uns seis meses nessa função, depois eu assumi o Departamento de Desenvolvimento Social, que na época tinha sido criada a Subprefeitura, como um objeto de gestão local e havia esse departamento que cuidava de um monte de coisa, cuidava de cultura, esporte, lazer, geração de renda, saúde, qualificação profissional, participação popular... era um departamento bem eclético. E eu dirigi esse departamento por um bom período. Foi nesse período que começamos a implantar os programas ali de cultura e de desenvolvimento local. O estímulo à abertura dos empreendimentos pelos próprios moradores, a implantação de um calendário cultural, começou o festival de inverno. Então, assim, a minha relação profissional mais direta com Paranapiacaba começou em 2000 quando eu fui desenvolver esse trabalho lá e, acabei por conta disso, fazendo mestrado onde eu fiz uma pesquisa sobre Paranapiacaba na área de protagonismo comunitário. Depois esse Departamento de Desenvolvimento Social foi extinto, criou-se um departamento de Paranapiacaba que eu fui diretor que também foi extinto, criaram outro departamento de apoio administrativo que eu também fui diretor e, agora eu estou aqui na Secretaria de Cultura, ainda desenvolvendo trabalhos em Paranapiacaba. Hoje, eu sou presidente do Conselho do Patrimônio, onde uma das pautas principais da cidade é Paranapiacaba. Assim, a Vila não sai da minha vida. Pessoal, por conta da fotografia, profissionalmente e no meio acadêmico também. Uma presença constante.

Bheatriz: No Conselho do Patrimônio, o que vem sendo discutido sobre Paranapiacaba?

Moretto: Acho que hoje, o tema principal lá são os projetos do PAC, os projetos de restauro. Mas, na verdade, acho que a tônica do conselho são os projetos especificamente. O projeto é um projeto de arquitetura, tudo bem. Mas, na verdade, qual é o projeto para Paranapiacaba. Essa é a discussão que o Conselho tem se concentrado. Qual é a proposta que está se desenvolvendo para a gestão de Paranapiacaba, qual o projeto para Paranapiacaba? Acho que o que é evidente, para quem já teve algum tipo de contato com a Vila, é que não pode ser um projeto de um único órgão. Não é um projeto da Prefeitura. Paranapiacaba é um local que exige uma gestão múltipla. Só na área de patrimônio são os três conselhos: municipal, estadual e federal. Você tem inserção de universidades, você tem os moradores, você tem instância de governo, você tem agentes privados como a CPTM e a MRS (Malha Regional Sudeste da Rede Ferroviária Federal). Enfim, é uma gestão múltipla. Então, como se constrói um projeto para aquele local que envolva esses diversos focos de interesse de ação? O que o Conselho às vezes provoca é essa resposta. Até para a gente poder realizar com mais tranquilidade, os projetos de arquitetura que chegam no conselho. Porque o Conselho não está preocupado só com esse projeto da solução arquitetônica que vai ter para as edificações, ele está preocupado com o objeto que foi tombado, que não é a arquitetura, é a Vila. Essa é a preocupação do Conselho.

Bheatriz: Desde que você começou a ter contato com a Vila em 2000, o que você acha que mudou?

Moretto: Mudou muita coisa. Na minha avaliação, as mudanças são sempre para melhor. A Vila, quando foi criada a Subprefeitura, ela estava em situação de completo abandono. Faltava um agente, como eu falei, existem muitos agentes envolvidos, mas nenhum que toma à frente, mas nenhum que seja protagonista da ação. No momento que você definiu a compra da Vila, boa parte da Vila é propriedade da Prefeitura, você define qual é o agente responsável para encaminhar uma série de ações e estabelecer as relações com os demais agentes. Então isso eu acho que já é um aspecto positivo, é melhor do que você não ter ninguém, é

aquela coisa de “cachorro de muitos donos morre de fome”. Então isso, do ponto de vista da gestão, já é um aspecto positivo, apesar das críticas que pode se ter pelas posturas da gestão ou dos gestores ao longo desse tempo, mas você tem uma noção de responsabilidade. Outra questão é o avanço das estruturas que a Vila dispõe. A Vila estava em uma situação extremamente precária, foram feitas algumas intervenções pontuais de restauro, alguns equipamentos que eram de visitação turística tiveram intervenções de restauro, foi estimulado que os moradores se envolvessem no projeto de turismo e que desenvolvessem, nas suas próprias residências, estruturas de suporte ao turismo. Então, se você comparar a situação de 2000 com a de hoje, houve uma ampliação do fluxo turístico, houve uma melhora na estrutura turística, houve uma qualificação dos imóveis e do espaço de visitação e de áreas públicas ali da Vila. Apesar de estar muito longe do ideal. Eu estou falando que houve uma melhora, mas não chegou no ponto de satisfação. Então, ainda tem muito para se fazer em todos esses aspectos, mas comparado à situação em 2000, hoje a gente teve avanços.

Bheatriz: Para você, qual a importância cultural da Vila para o estado de São Paulo?

Moretto: Então, eu não acho que a Vila seja importante para o estado de São Paulo, mas eu acho que ela é importante para a humanidade, ela merece ser um patrimônio da humanidade. Paranapiacaba é um patrimônio singular, é um patrimônio relevante. O que eu acho que precisa se avançar muito é que os maiores valores da Vila como um bem cultural, estão ocultos, então, quem vai em Paranapiacaba se encanta muito com a arquitetura, com a natureza, que são os aspectos mais visíveis. Mas o maior elemento que diferencia Paranapiacaba enquanto um bem cultural relevante para a humanidade não são visíveis, na verdade é toda a tecnologia que foi trazida para vencer essa adversidade da Serra do Mar. Então, ali você tem uma genialidade humana que foi específica para vencer aquela diversidade, uma tecnologia com toda uma estrutura que foi desenvolvida para isso, que não está disponível, que não está visível. As estruturas de drenagem existentes ali na Serra do Mar para o funcionamento da ferrovia, elas são fantásticas. Mesmo com décadas de abandono, se você vai lá você vai ver que elas estão intactas e funcionando. Então, é fantástico. São obras “faraônicas”, comparado à pirâmide do Egito. Porque imagina o que é você construir em um local extremamente hostil, porque é uma vegetação

muito densa, um clima instável, um solo instável e você fazer uma ferrovia passar por ali, então isso é de uma genialidade absurda. E isso não é revelado. Então, Paranapiacaba é muito vista como a vila inglesa e não como a vila ferroviária e, o maior valor do patrimônio ali, está nesse acervo tecnológico, esse acervo fantástico de patrimônio industrial e, também pelo valor de uma vila operária e não de uma vila inglesa. Porque ingleses tinham poucos. Então a gente vende um glamour da vila, dos ingleses, mas você não tinha lá ingleses vestidos de fraque e cartola, você tinha operários cheirando à lenha e óleo. Esse aspecto de uma vila operária, que existe até hoje e que ainda preserva um certo de vida muito típico, e somado com o acervo industrial, seriam os maiores valores de Paranapiacaba, que deveriam ser relevados e que têm uma relevância muito maior porque são relevantes para a humanidade, são exemplares únicos, como exige uma candidatura à patrimônio da humanidade, o bem tem que ser singular, único e excepcional.

Bheatriz: Porque você acha que as pessoas ainda olham a Vila como uma vila inglesa?

Moretto: Porque é assim que ela é vendida. É o equívoco de quem comercializa o produto. Atribui a esse tipo de apelo um certo charme porque não é legal vender uma vila de operários. Não é charmoso vender uma vila de operários. Eu até entendo que não dá para vender o patrimônio industrial porque ele está inacessível, você não tem acesso aos patamares, a gente não tem essa possibilidade. Mas eu acho que se cria esse falso marketing, esse marketing torto. Por exemplo, o relógio associa com o Big Ben e não tem nada a ver. Pega uma imagem do Big Ben e olha o relógio em Paranapiacaba, é completamente diferente. Eu acho que é o apelo de venda que se buscou e que, na minha opinião, é equivocado.

Bheatriz: O turismo é o futuro da Vila?

Moretto: Eu acho que a Vila tem várias possibilidades de se desenvolver para o futuro, o turismo é uma delas, talvez uma das mais evidentes. Agora, existem formas e formas de se fazer turismo. Paranapiacaba vem, ao longo de muitos anos, vivendo de um turismo de eventos. Esse tipo de turismo é importante, ele traz para a Vila um incremento no fluxo turístico, mas ele não garante a manutenção de estruturas permanentes porque é ação eventual. Você tem que criar ação turística que dê

condições de você manter estruturas permanentes na Vila. Por exemplo, Paranapiacaba tem um acervo fantástico para ser explorado pelo turismo pedagógico, você mesmo está desenvolvendo seu trabalho, um trabalho universitário. Não é turismo pedagógico, mas é turismo de pesquisa, você vai na Vila para desenvolver pesquisa. Eu acho que esse é um caminho, dentro do segmento turístico, que deveria ser mais explorado. A visitação de escolas, de pesquisadores, porque ele é menos impactante e ele é permanente. E ele gera refluxo porque a escola vai lá com o aluno, o aluno sai encantado com a Vila, fala para o pai e o pai volta com a família. Eu acho que são coisas que precisam ser melhor desenvolvidas. Hoje, se foca muito no evento. O evento ele é pontual. O turismo é uma grande possibilidade, mas ele ainda precisa se aprimorar dentro das possibilidades de segmentos que ele oferece. Além disso, Paranapiacaba tem todo o acervo natural. Hoje, a água é o maior patrimônio do mundo e ali é uma região de produção de água. Então, isso é um ativo à ser explorado. Todo o patrimônio natural pode ser muito explorado. Além disso, você tem no entorno da Vila, grandes áreas ainda disponíveis e, hoje, as cidades do ABC elas têm carência de área, então é possível você também explorar esse tipo de urbanização limpa, que seja compatível com o ambiente, com as estruturas que se propõe a se desenvolver naquela região e que sejam até um suporte para essas estruturas. Por exemplo, não é possível você ter uma grande construção em Paranapiacaba, você vai trabalhar ali com estruturas muito pequenas, domésticas, você vai trabalhar dentro do limite do que aquela arquitetura e aquele patrimônio estabelecem, mas você tem áreas enormes fora da Vila que você pode montar um grande hotel, um centro de convenções, pode montar mil coisas que são impulsionadoras de turismo também, que podem somar, que podem de alguma maneira agregar à um projeto para Paranapiacaba. Eu acho que ainda tem muito a ser explorado, uma outra questão, que remete à própria identidade da Vila como vila ferroviária, a exploração do modal ferroviário. Você tem ali uma ligação com o porto, você pode acessá-lo através da ferrovia, se for utilizada com uma outra tecnologia que permite um transporte mais ampliado de carga do que a cremalheira, como você também pode utilizar outros meios de levar cargas e produtos para o porto, então dutos, coisa do tipo. Então você pode ter não em Paranapiacaba, mas próximo, estruturas logísticas para fazer o escoamento da produção para o porto. Então, ainda tem muita coisa para ser explorada ali.

Bheatriz: Para essas coisas acontecerem, depende muito da Prefeitura de Santo André?

Moretto: Não só da Prefeitura, a Prefeitura é um agente importante, mas depende da sinergia de diversos atores aí. O que vê lá em Paranapiacaba é muita gente atuando de forma dispersa. Mais recentemente a gente teve uma atuação do Ministério Público Federal, tentando criar um plano de ação mais convergente. Exigindo que cada ator que tenha responsabilidade ali sobre a Vila, apresente seus planos de ação para, até depois, criar as conexões. Isso começou muito bem, mas até pela complexidade da ação, chegou em um determinado momento que ela começa a perder fôlego. Isso foi 2013/2014. Começou em um ritmo acelerado, chegou até uma minuta de um PAC, em termos de ajustamento de conduta e parou na minuta, porque não foi assinado e as áreas apresentaram plano de gestão e aí tinha uma série de questões para serem resolvidas de titularidade, de responsabilização por áreas, principalmente em relação às áreas do pátio ferroviário, uma zona bastante conflituosa em termos de responsabilização porque tinha uma estrutura que os ingleses utilizavam que é incompatível com a legislação brasileira. Por exemplo, para você entender. Tem situações ali que o terreno é de responsabilidade de um ente e o que está em cima do terreno é de responsabilidade de outro. Então, é aquela coisa, vira de ninguém. Lá, por exemplo, por ser área operacional, o que é terra, está com o DNIT, o que é edificação está com o IPHAN. E aí, tudo que está no pátio, está na concessão com a MRS. Só que nem tudo para a MRS é operacional. Está na concessão, mas não é operacional. Aí fica uma briga e as coisas vão travando. A Prefeitura, do que é área de responsabilidade dela, ela tem feito algumas coisas. Óbvio que poderia fazer mais, poderia fazer melhor, fazer diferente, é passível de críticas, mas tem feito, não é uma situação de inércia. Em outras áreas você vê essa situação por conta dos conflitos de responsabilidade e as coisas vão se degradando. Eu acho que essas áreas que têm multiplicidade de atores envolvidos, são as que acabam sendo mais penalizadas, fica até difícil de você responsabilizar alguém.

Bheatriz: Então, nessa atual gestão, Paranapiacaba é tratada realmente como um ponto importante da cidade?

Moretto: Eu acho que sempre foi, mas eu canso de falar isso, Paranapiacaba não é um plano de uma gestão, tem que ser um plano de governo e não um plano de um governo. Ela tem que ser uma prioridade de governo porque ela envolve múltiplos agentes do governo, ela não é um projeto de uma secretaria, mesmo quando foi criado a subprefeitura que tinha mais autonomia, que tinha mais estrutura de ação, não dá conta porque envolve questões de manutenção, de segurança, de desenvolvimento, questões culturais, o suporte para o morador que é educação, saúde, assistência social... então tem que ser um projeto de governo. O que a gente vê lá é isso, a Vila é muito vitimada pelas trocas de governo. É o querer fazer diferente sem saber o que deve ser feito. Isso vai prejudicando bastante o desenvolvimento da Vila. Eu sinto falta de um projeto que seja um projeto que tenha um horizonte de tempo mais longo, saia desse horizonte de quatro anos de uma gestão, que pense em 20 anos e que seja um projeto pactuado com outros agentes, que seja um projeto de uma política pública de fato. Política pública não no sentido governamental, mas que envolva todos os agentes públicos daquele local, incluindo os moradores, universidades, conselhos e as empresas privadas. Acho que a gente não chegou nem em um esboço disso. Eu estou a 27 anos na prefeitura, 16 atuando diretamente em Paranapiacaba e a gente só esbarrou nessa proposta.

Bheatriz: Em relação aos moradores da Vila, você acha que falta entendimento sobre o lugar que eles vivem?

Moretto: Eu acho que falta mais apropriação do local. Paranapiacaba tem um histórico de ocupação, ela era uma vila de ferroviários com a articulação da ferrovia esses ferroviários saíram, boa parte. Na minha pesquisa, em 2005, só 14% das famílias tinham relação com a ferrovia, já não era uma vila de ferroviários. A evasão da Vila é grande, se você pegar demograficamente tem uma queda bruta de população, é uma Vila pequena, uma Vila de menos de mil habitantes, mas se você retroceder no tempo já teve quatro, cinco mil. A Vila teve a redução da população ferroviária, que tinha um vínculo histórico-afetivo lá com a Vila, hoje é uma população menor e é uma população que foi para lá por motivos diversos. Alguns porque tinha um custo de vida barato. Então, às vezes elas têm uma relação com o patrimônio que é utilitária, não é afetiva. Depois, é óbvio que você acaba gostando, mas você não perde o vínculo utilitário. É barato, você não tem conta de luz, você

não tem IPTU, você tem uma conta de água baixa, tem uma certa qualidade de vida, óbvio que tem as dificuldades de acesso, mas quando você coloca na balança, para algumas pessoas isso ainda é positivo. Então, eu acho que ainda tem uma parcela da população que tem essa relação utilitária com o patrimônio e isso é ruim. A gente vê muito isso quando tentamos inserir essas pessoas nos programas da Vila e elas estão preocupadas em ganhar dinheiro no evento e não em preservar o patrimônio, em ter uma ação contínua que garanta sustentabilidade daquele local, pensam muito individualmente, é uma população que não se organiza coletivamente. Por outro lado, você tem pessoas ali que são apaixonadas pela Vila, como Zélia e Eduardo, são guerrilheiros, são pessoas que têm uma militância absurda por Paranapiacaba. Então você tem os dois extremos. Eu acho que tem que se chegar em um ponto de equilíbrio. As pessoas têm que entender que mesmo que elas tenham comércio lá na Vila, o que elas vendem é a Vila. Elas não vendem um prato de arroz e feijão. Para comer uma comida simples, caseira, eu como na esquina da minha casa na padaria e, pago menos. As pessoas precisam entender que o maior produto que elas têm ali para vender é Paranapiacaba. Mesmo que elas queiram ter uma relação utilitária, elas têm que ter uma relação utilitária que preserve mais o ganha pão delas. Essa consciência, até do ponto de vista mais pragmático, tirando o aspecto afetivo, aquele que tem a relação mais por conta do comércio, do lucro que ele pode obter daquele patrimônio, teria que ter um entendimento maior da ação que ele exerce ali e de como essa ação interfere no bem. Porque existe uma coisa da imagem mal vendida pelos agentes que fazem essa publicidade maior do governo, a própria Prefeitura que vende essa coisa da vila inglesa, não é Paranapiacaba. Paranapiacaba é outra coisa. E tem essa coisa do micromarketing feito pelos empreendedores, que também deturpam muito a imagem da Vila, vendem produtos desqualificados que repercutem em uma promoção negativa da Vila. Praticam preços altos. Vai em qualquer evento da Vila, porque é o momento que você ganha dinheiro. É aquela coisa de você não ter um fluxo contínuo durante o ano, você tem em momentos, então aquele momento é o de encher o bolso. Os preços são altos, a qualidade do serviço cai, isso do ponto de vista da promoção turística é péssimo, porque a pessoa pode se encantar com o local, mas o turista compra a experiência e, a experiência não é um produto qualquer, é um conjunto de sensações que você tem quando você vai naquele local. Então, eu posso sair extremamente impressionado com a paisagem, com o diferencial daquele local, mas aí o almoço foi

ruim, o monitor não foi legal, o transporte não foi legal. Quando você soma todos esses elementos e vê o resultado da sua experiência, aí nem sempre ela é positiva, por mais que o local tenha os apelos e os potenciais. Então, é esse olhar um pouquinho mais ampliado que às vezes é difícil estimular nos agentes que estão lá, nos moradores. A gente também tem que considerar que a gente partiu de um patamar abaixo do zero, então quando a gente começou o projeto de turismo tinha duas linhas de ação. A primeira, que é de atrair investidores externos, o que era muito difícil porque você tem um investimento alto devido ao estado de degradação do patrimônio. Para você colocar ele em situação funcional você tem que gastar muito e, não é reforma, é restauro, o que tem um custo mais alto, além da burocracia relacionada a isso. E você não tem o fluxo turístico que justificasse um investimento tão alto e a manutenção de um empreendimento fixo ali para um empreendedor externo. Então, essa foi uma linha de investimento para fazer essa captação, houve empreendimentos, mas que duraram pouco. E o que prosperou mais foi você estimular o morador a desenvolver o empreendimento em uma condição caseira, dentro do limite daquele patrimônio. Na sua própria casa, servindo uma refeição, oferecer um quarto para o visitante que queira pernoitar na Vila, abrir um atelier o cara que tem uma habilidade manual, o artista. Então, é o que a gente chamou do projeto Portas Abertas, é o morador abrir a porta para o visitante e, criar uma condição de visita também, porque não é aquela visita de fachada, que eu vou passando pelas ruas e olhando as fachadas, mas se inserindo na vida local, essa era a proposta. Só que você pega um morador que não tem capital e não tem espírito empreendedor, ele está ali em uma postura passiva esperando que alguém faça por ele e você transformar esse cidadão em um empreendedor, é um caminho. E tem pessoas que não têm perfil, não tem repertório, porque o cara tem um restaurante, mas ele nunca comeu em um restaurante bacana. Como é que ele vai saber o que vai oferecer, o que o turista quer? Essas pessoas, muitas vezes, não tiveram a experiência de turista, para poder ter a leitura do empreendedor que vai oferecer um serviço para o turista. Então, é um caminho longo, a gente fez ali muitas ações de qualificação, de capacitação. Alguns se desenvolveram de forma surpreendente, tem muitos moradores ali que cresceram, se estruturaram, hoje não fazem mais na sua própria casa, têm um local próprio para isso. Mas outros continuam fazendo a mesma coisa que faziam há 16 anos, não avançaram. Então, essa relação do morador ainda é uma relação a ser trabalhada, do ponto de vista do

afeto com o local, do ponto de vista da mudança do olhar dele ao uso do bem e essa coisa da visão empreendedora mesmo, hoje eles estão no papel de empreendedores, então eles têm que correr atrás e não esperar que alguém faça. Não se trabalha turismo isoladamente, em qualquer cidade turística que você visita, o monitor leva no restaurante, leva na loja de souvenir, leva no atrativo turístico e tudo isso tem uma rede de comissionamento e de relações que se estabelecem coletivamente. Em Paranapiacaba isso não existe. A gente não tem as associações, a gente tem a AMA que é a associação de monitores, mas não existe essas relações como existe em outros destinos. Isso também faz parte de um olhar empreendedor, que é você criar relações mais articuladas, falta muito ali.

Bheatriz: Como está o andamento dos projetos para o Festival de Inverno deste ano?

Moretto: A gente está testando um formato diferente de festival este ano. Eu fiz praticamente todos os festivais. Não estive no festival só no ano passado, porque eu estava meio desgostoso com algumas coisas que estavam acontecendo lá na Vila, mas desde o primeiro... eu não criei o festival porque já era uma coisa que estava no imaginário. Todo mundo falava de fazer um festival em Paranapiacaba e aí quando eu fui lá em 2000 eu falei “tem que fazer”. O festival tem uma trajetória, são 17 anos. Então até o quinto, sexto, ele era muito um festival de vitrine da produção cultural do ABC, ele era feito junto com o Conselho de Cultura, através dos grupos específicos de teatro, dança e música, então envolvia a produção cultural local, criava uma movimentação na Vila, ele tinha um porte menor e tinha um ou dois nomes que eram de visibilidade, mas eram nomes para um segmento bem específico. É preciso ter claro que evento é ferramenta, evento não é fim. Evento serve para alguma coisa. Para que serve o Festival de Inverno? É uma pergunta que eu sempre faço quando as pessoas vêm pedir coisas para o festival. Era uma ferramenta dentro de um momento que você estava querendo mudar a imagem da Vila, no campo da comunicação que você trabalha, Paranapiacaba era um local com uma imagem extremamente negativa. Um local onde as pessoas iam, se perdiam na mata, não tinha estrutura nenhuma, era local de “bicho grilo, então a gente tinha que mudar para o mercado de turismo e, para o público geral, para a imprensa, essa imagem da Vila. Então, a gente fez um festival, que era um festival de música erudita, de jazz, de blues, de intervenções artísticas variadas, que era para mostrar o

lado cultural da Vila, dentro de um porte que era adequado àquela estrutura de patrimônio e, que fosse um alavancador de estruturas que dessem suporte ao turismo, de monitoria, de alimentação, de segurança, de infraestrutura local, então o Festival de Inverno é alavancador desses processos de turismo e, ele era o grande indutor de fluxo de turismo na Vila. Festival de Inverno acontece em um mês específico, dois ou três finais de semana, dependendo da edição, mas se você pega o fluxo anual da Vila, ele era quase 50% do fluxo de turismo da Vila. E até a oitava edição, se você analisa o fluxo turístico da Vila, você vai ver que as pontas do mês de julho, maio, junho, agosto e setembro, têm impactos do Festival, por conta da divulgação prévia e do boca a boca após o evento. Então, ele acaba irradiando para os outros meses. Esse era o papel do Festival em termos de promoção, ele criava uma imagem positiva da Vila, ele criava um alavancador de fluxo turístico. Só que assim, o Festival ele traz uma sedução para o empreendedor e para o governo, que é a sedução da visibilidade e da competição do público. Então, quando você leva um artista lá como o Seu Jorge, você vai estourar de público, o empreendedor vai vender pra caramba, o governo vai aparecer em tudo que é mídia, só que a Vila sofre. Não tem capacidade nenhuma para isso e, a longo prazo, a partir de algumas edições, como isso foi crescendo demais, você começa a ver que isso impacta negativamente na imagem da Vila, porque é isso, a pessoa não consegue chegar. Ela pára na fila de estacionamento ou ela fica duas horas na fila do estacionamento ou ela chega lá e o banheiro está transbordando, o restaurante não tem alimentação. Então, em termos de ferramenta, é uma ferramenta de promoção negativa. Ela tem um impacto de mídia porque os veículos noticiam Paranapiacaba, mas quando você vai no boca a boca, isso não tem um resultado positivo. E aí você começa a analisar os fluxos anuais e percebe que o impacto do Festival ficou restrito ao mês do evento. O que é péssimo, até porque as divulgações para fechar esses grandes shows é tudo mais complicado e você acaba fechando a programação muito em cima da hora, você não divulga com antecedência, você não cria redes, porque quando você trabalha com a produção local, hoje o mundo é conectado. Por exemplo, a gente tem nesse Festival de 2017 mais de 170 atrações. São intervenções de menor porte, mas todos esses artistas estão divulgando nas suas redes, meu Facebook fica cheio de coisa do Festival, porque você recebe de todos eles. Então, isso cria uma rede de divulgação que vai além das redes que a própria prefeitura tem. Então, isso traz um público diferente, traz uma repercussão que a gente não tinha com o grande artista,

porque ele não faz nenhum esforço para divulgar o trabalho dele, o nome dele é a divulgação, então a gente mudou o formato do Festival. Meio retrocede aos formatos anteriores, que eram focados na produção local, a gente amplia o número de intervenções, os últimos tiveram 20, 30 intervenções em dois finais de semana, reduzimos o porte das estruturas, porque um grande nome existe uma grande estrutura que não cabe na Vila. Então a gente baixou o porte da estrutura para dar visibilidade para o patrimônio, aumentou o número de intervenções e diversificou os locais e linguagens. Não é um festival de música como estava sendo nos últimos anos, é um festival de cultura que tem de tudo. Tem tricô, tem culinária, tem artes visuais, tem teatro, tem dança, tem música e tem o patrimônio, tem memória. Na verdade, o que a gente está colocando como foco é a Vila, não é o artista. A maior atração que a pessoa vai ver em Paranapiacaba é Paranapiacaba. O palco é a Vila. Eu já queria fazer isso há muitos anos, mas eu tinha dificuldade porque os moradores querem o grande show, o governo quer o grande show, graças a Deus esse ano a gente não tinha dinheiro, então foi fácil fazer e, eu achei ótimo, porque você mostra que esse formato funciona melhor que o outro. Então, o patrimônio está visível, as pessoas que forem lá vão ver o patrimônio, não vai ter uma barraca ou palco na rua tampando, as pessoas circulam, por onde elas circularem vai ter coisa acontecendo. O evento tem que ser compatível com o patrimônio e não o inverso. Na minha opinião, o formato do evento vai ser um sucesso. Tem algumas dificuldades ainda que precisam ser resolvidas, mas aí vai além da programação e esse ano eu estou cuidando exclusivamente da programação. A gente fez algumas coisas interessantes junto com o Conselho de Cultura, que envolveu a produção cultural, a gente fez a seleção de propostas através de um edital, que é uma coisa que nunca tinha sido feita. Isso é muito legal porque diversifica, traz coisas novas, de tudo que é linguagem, de tudo que é expressão. E o edital propunha uma relação com o local, então vem coisas diferenciadas nesse sentido e, a ideia para os próximos anos é essa, estimular cada vez mais que a intervenção artística se relacione com o Patrimônio, que ela use a estrutura existente e potencialize essa estrutura. Porque é isso que a gente quer mostrar, a gente quer mostrar Paranapiacaba para o turista, para que ele veja no Festival de Inverno, volte e veja de novo, não veja uma coisa que só tenha no Festival de Inverno. Eu cansava de ouvir dos meus amigos “eu quero conhecer Paranapiacaba” e eu falava “Não vai no Festival de Inverno, você vai ver outra coisa e não Paranapiacaba”. Eu não quero

mais falar isso, eu quero falar “vá no Festival de Inverno, vá nos outros dias, que você vai ver a Vila”. Esse ano está sendo um primeiro passo, mas eu acho que está sendo bem-sucedido.

Bheatriz: Vocês receberam muitos projetos no edital para o Festival?

Moretto: O edital é um formato novo aqui em Santo André, muita gente está usando esse formato na área de cultura, mas Santo André nunca tinha feito. Tinha feito editais para o fundo de cultura que é uma coisa muito específica, mas para a programação nunca. Então, ainda tem uma dificuldade dos produtores de usar esse mecanismo, que não estão acostumados. Mesmo assim nós tivemos 180 inscrições e 72 foram selecionadas. Mas além do edital, a programação tem outras intervenções que não vêm pelo edital, por exemplo a gente teve uma parceria com o Sesc Santo André, uma parceria que havia sido perdida no ano passado e conseguimos reconquistar, um parceiro importantíssimo. Vem muitas atrações através do SESC, vem atrações que já acontecem permanentemente na Vila, como a Feira de Artes e Antiguidades, que a gente obviamente tem que incorporar no Festival. A gente tem tentado, também através da programação, reforçar essas estruturas que são permanentes, essas ações que são permanentes. E a ideia da programação é de irradiar, que ela acontecesse antes, durante e depois. Esse ano ainda não veio nenhuma proposta com esse novo formato, mas era uma intenção nossa que tivesse. Esse novo formato ainda precisa ser apropriado pelos produtores, esse ano foi tudo muito de surpresa, a partir de abril a gente começou a fazer. Para o próximo ano já sabe como vai ser e a gente espera que bombe.

Bheatriz: E sobre o trem, você acha que um dia volta?

Moretto: É o desejo de todo mundo. Uma vila ferroviária sem trem ela perde um pouco o sentido da sua essência. A gente está com o trem turístico, uma única viagem semanal, mas é um sucesso, se você pega pela agenda de procura para tentar conseguir uma vaga vai três, quatro meses de espera, então mostra que existe uma demanda. Existiram algumas conversas com a CPTM... Existe grandes dificuldades em ampliar o número de viagens do trem turístico, por conta que você precisa segregar o trem turístico e separar do transporte de carga e aí tem toda uma dificuldade de conversa com a empresa responsável pelo transporte de carga. Mas é

possível você ampliar a capacidade de carga do trem turístico, de colocar mais vagões. Mas não existia estrutura para isso, o trem turístico desembarcava em uma plataforma de madeira com uma tendinha de lona, se colocar dois vagões não tem onde desembarcar. Quando for restaurada a plataforma, é possível algo nesse sentido, de você dobrar a capacidade do trem. O ideal é que você tivesse trem todo dia, esse é o desejo. Nem que não fosse o trem turístico, mas que fosse o trem de passageiros. É que você entra naquelas questões econômicas: nem a empresa que faz transporte de cargas quer abrir mão da linha para o trem de passageiros e nem a operadora de trem de passageiros quer colocar uma linha para lá porque não tem demanda. Então ficam nessas questões. Quando eu fui para lá a primeira vez ainda tinha o trem, ele fazia quatro viagens por dia, mas era o suficiente, para quem quer visitar a Vila, até para estimular essa coisa da visita de pesquisa, da visita pedagógica. Mas, ela barra nessa questão econômica, tanto de transporte de carga quanto da operadora de transporte de pessoas.

8) Ruth Ramos, 39 anos

Bióloga, ex-agente ambiental de Paranapiacaba e ex-funcionária do Conselho Municipal de Patrimônio

Bheatriz: Como começou sua história com a Vila de Paranapiacaba?

Ruth: Em 1999, quando me tornei funcionária pública, especificamente agente ambiental.

O meu local de trabalho era a Gerência de Fiscalização Ambiental no Parque Andreense.

Paranapiacaba fazia parte dos setores a serem vistoriados semanalmente. Em 2002, após o governo municipal adquirir a Vila, fui convidada pelo Subprefeito a assumir o posto de Gerente de Recursos Naturais do Departamento de Paranapiacaba. Permaneci na função e na Vila até 2008, quando houve a troca de gestão. De 2009 a 2011 trabalhei no Conselho Municipal de Patrimônio (no centro de Santo André) tratando dos assuntos relativos à patrimônio natural de Paranapiacaba.

Bheatriz: Pelo tempo que você conhece Paranapiacaba, como você acha que está o desenvolvimento da Vila atualmente?

Ruth: Paranapiacaba desenvolveu muito. Sobretudo pela organização de sua comunidade com seu “capital social”. Fundamentalmente assumiram o seu local enquanto protagonistas da Vila. E isso é essencial para um local que é patrimônio. As condições físicas da Vila variam conforme o gestor público que está no governo municipal e conforme os investimentos que são feitos. Governo estadual e federal também impactam nisso. Para mim, essa variação é muito ruim. Hora há investimento. Hora não há. Não se estabeleceu ainda um investimento mínimo que deve ocorrer, independente do partido que esteja no governo. Mudanças de governo afetam recursos e prioridade. Trabalhei em uma gestão em que Paranapiacaba era prioridade de governo. Estava na agenda de preocupações do governo. Pelas ações que estão sendo estabelecidas, não me parece que ela é prioridade para o atual governo, mas ainda é cedo para falar.

Bheatriz: Porque a questão ambiental da Vila é tão importante?

Ruth: Primeiramente pela natureza objetiva que existe lá. Isto é, Mata Atlântica e as nascentes. A biodiversidade é elevada, assim como o estágio de conservação. Ter esse fragmento de Mata Atlântica tão perto da Região Metropolitana torna a “questão ambiental” da vila muito relevante. Ainda destaco o fato de esta natureza estar protegida por leis e ainda funcionar como amortecimento para o *continuun* ecológico do Parque Estadual da Serra do Mar. Ser um patrimônio natural apropriado socialmente pela comunidade local e pela população em geral. Permitir o uso indireto pela comunidade, por meio das visitas monitoradas e assim gerar renda.

Bheatriz: As pessoas falam muito sobre preservar as casas, a arquitetura e a ferrovia. E sobre a parte ambiental?

Ruth: Acho que o assunto proteção ambiental é inerente à Paranapiacaba. Incidem no local diversas leis ambientais de proteção, com restrições. A fiscalização ambiental é uma constante também. Penso que esta é uma preocupação de população e gestores, talvez pelo fato de a proteção ambiental estar consolidada (são quase 20 anos do governo municipal realizando a fiscalização) e funcionando (com todos os limites e possibilidades) não seja uma constante em discursos, ao contrário do patrimônio edificado que ainda não atingiu seu melhor grau de proteção.

Bheatriz: Você acha que o turismo ambiental deve ser incentivado lá?

Ruth: Sim, eu acho. Por que é preciso garantir o desenvolvimento local e esta é uma atividade que se demonstra compatível com a conservação dos patrimônios natural e cultural. Também permite que mais pessoas conheçam o local, que é importante para garantir sua conservação.

Bheatriz: Para você, o turismo é o futuro da Vila?

Ruth: Diria que o desenvolvimento em todas as suas dimensões (econômico, social, cultural, natural etc.) deve ser o futuro da Vila. Se o turismo contribuir para isso, sim deve ser visto como uma oportunidade. Por outro lado, turismo é uma atividade e

não desenvolvimento. E nesse sentido o futuro da Vila não pode estar apenas baseado unicamente em turismo.